

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Claudineia Martins da Silva Leite

**A MÚSICA NO TRABALHO PEDAGÓGICO COM O BEBÊ E A CRIANÇA  
PEQUENA NA CRECHE**

Sorocaba

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Claudineia Martins da Silva Leite

**A MÚSICA NO TRABALHO PEDAGÓGICO COM O BEBÊ E A CRIANÇA  
PEQUENA NA CRECHE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE) da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, como requisito parcial para a obtenção da formação plena em Pedagogia.

Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi.

Sorocaba

2021

Leite, Claudineia Martins da Silva

A música no trabalho pedagógico com o bebê e a criança pequena na creche / Claudineia Martins da Silva Leite -- 2021.  
65f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba  
Orientador (a): Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi  
Banca Examinadora: Wasti Silvério Ciszewski Henriques, Monique Traverzim  
Bibliografia

1. Música. . 2. Bebês. . 3. Creche. I. Leite, Claudineia Martins da Silva. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano - CRB/8 6979

FOLHA DE APROVAÇÃO

**CLAUDINEIA MARTINS DA SILVA LEITE**

**A MÚSICA NO TRABALHO PEDAGÓGICO COM BEBÊS E CRIANÇAS  
PEQUENAS NA CRECHE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Biológicas da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, para obtenção do título/grau de Licenciada em Pedagogia.

Sorocaba, 14 de Janeiro de 2021.



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi  
Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba  
Orientadora



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Wasti Silvério Ciszevski Henriques  
Colégio Pedro II  
Examinadora



Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Monique Traverzim  
Centro Universitário Campo Limpo Paulista  
Examinadora

## DEDICATÓRIA

*A minha mãe Maria, meu pai Manoel Salustiano (in memoriam) que sempre me incentivaram em meus estudos e ao meu irmão Claudinei Martins (in memoriam) com quem pude viver momentos memoráveis de umas das mais doces etapas da vida: a infância.*

**INFÂNCIA** que nunca deveria morrer dentro das educadoras e educadores de crianças!



## AGRADECIMENTOS

A Deus por estar sempre comigo, iluminando meus caminhos, me abençoando, ser Alfa, Ômega, Princípio e Fim para fortalecer a cada dia minha fé e esperança.

Ao meu esposo Marildo Leite por me apoiar incondicionalmente para a minha formação.

A todos(as) os(as) meus/minhas colegas de turma da Pedagogia 016 que sempre estiveram comigo nessa trajetória e contribuíram para a minha formação docente, pois acredito que levamos muito das pessoas que por nossa vida passam e com elas deixamos um pouco de nós.

Agradeço às minhas amigas Dayane Costa, Julia Galvani e Paulete Zilli que trilharam lado a lado comigo essa caminhada de formação, sendo parceiras em todos os trabalhos acadêmicos, nas vivências com as quais muito aprendi.

Agradeço as contribuições de todos/as os/as docentes da UFSCar que compartilharam conosco seus conhecimentos em todos estes anos de graduação.

Agradeço às queridas docentes Monique Traverzim e Wasti Silvério Ciszewski Henriques que compuseram a minha banca de TCC por seu tempo, disposição e apontamentos que serão de muita valia para meu aprimoramento profissional.

Agradeço à minha querida orientadora Lucia Lombardi por ser tão atenciosa, dedicada e por ensinar aos futuros/as professores/as coisas tão maravilhosas e possíveis sobre a arte que é demasiadamente necessária para a vida humana.

Agradeço a todos os profissionais de educação com quem trabalhei ou tive contato em minha trajetória, que direta e indiretamente contribuíram para que eu pudesse ir compondo os processos reflexivos sobre ser professora.

E deixo meu agradecimento mais que especial para todas as crianças que passaram pela minha vida, as que ainda permanecem e as que ainda terei o prazer de conhecer ao longo da caminhada, pois é por elas que a luta precisa ser contínua e por elas que a educação não pode deixar de colocar em prática o verbo **RESISTIR**.

*"É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar;  
porque tem gente que tem esperança do verbo esperar.  
E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera.  
Esperança é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir,  
esperança é não desistir!  
Esperança é levar adiante,  
esperança é juntar-se com outros para fazer de outro modo..."*

*Paulo Freire*

## RESUMO

LEITE, Claudineia Martins da Silva. **A música no trabalho pedagógico com o bebê e a criança pequena na creche.** 2021. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba 2021.

A pesquisa tem como temática principal a música no trabalho pedagógico com bebês e crianças pequenas, sendo percorrida com base na seguinte questão-problema: quais são os modos e os sentidos que a música pode ter no trabalho pedagógico com o bebê e criança pequena na creche? Considerando a importância do trabalho pedagógico com a música desde a primeira infância para a formação do ser humano em uma perspectiva integral, as inquietações de estudo surgiram a partir de observações do trabalho com música em uma creche no período de 2018 a 2020 na cidade de Salto de Pirapora, São Paulo. A natureza da pesquisa é qualitativa, sendo caracterizada como um estudo de caso, e é constituída pelos seguintes trechos: o primeiro Capítulo traz um memorial que relata as experiências musicais da autora desde a infância até o momento da construção deste trabalho; o Capítulo II discorre sobre a metodologia; o terceiro Capítulo apresenta o quadro teórico em três partes, que são sobre a conceituação do bebê e da criança pequena na atualidade, as possibilidades de trabalho com a linguagem musical na infância e a importância do repertório das crianças e das culturas das infâncias; no Capítulo quinto é feita a análise das observações de campo. Os resultados da pesquisa apontam para as seguintes verificações principais: cabe aos/às educadores(as) proporcionar às crianças momentos de exploração de diferentes materiais e repertórios que contemplem a amplitude da diversidade das culturas; o planejamento pedagógico deve reconhecer a criança como um ser participante, criativo e criador; a fim de construir uma educação humanizadora, a prática com a música na escola não deve se pautar em modelos de como fazer, mas sim estimular as crianças a realizarem suas próprias pesquisas e explorações em relação ao universo sonoro musical.

**Palavras-chave:** Música. Bebês. Criança pequena. Creche.



## **ABSTRACT**

LEITE, Claudineia Martins da Silva. **Music in the pedagogical work with the baby and the young child in the day care center.** 2021. Undergraduatethesis (Graduation in Pedagogy) - Federal University of São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2021.

The research has as main theme the music in the pedagogical work with babies and young children, being covered based on the following problem question: what are the ways and meanings that music can have in the pedagogical work with the baby and young child in the daycare center? Considering the importance of pedagogical work with music since early childhood for the formation of the human being in an integral perspective, the study concerns arose from observations of working with music in a daycare center in the period from 2018 to 2020 in the city of Salto de Pirapora, São Paulo. The nature of the research is qualitative, being characterized as a case study, and consists of the following excerpts: the first chapter brings a memorial that reports the author's musical experiences from childhood to the moment of the construction of this work; Chapter II discusses the methodology; the third Chapter presents the theoretical framework in three parts, which are about the concept of the baby and the young child today, the possibilities of working with musical language in childhood and the importance of the repertoire of children and cultures of childhoods; in the fifth Chapter the analysis of the field observations is made. The research results point to the following main verifications: it is up to educators to provide children with moments of exploration of different materials and repertoires that contemplate the breadth of cultural diversity; pedagogical planning must recognize the child as a participant, creative and creative being; in order to build a humanizing education, the music practice at school should not be based on models on how to do, but rather encourage children to carry out their own research and exploration of the sonorous and musical universe.

**Keywords:** Music. Baby. Young children. Day care center.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Festa Julina na pré-escola, eu e meu irmão	17
Figura 2 –	Ônibus escolar vermelho da pré-escola: Salto de Pirapora nas antigas	17
Figura 3 –	Roda de cirandas de 2016 com minha turma de Pedagogia	20
Figura 4 –	Curso musicalização infantil por Sandra Lima em 2018	20
Figura 5 –	Aula criada e conduzida por mim e meu grupo em 12/06/2019, com o tema da Música na Educação Básica	23
Figura 6 –	Meus instrumentos musicais	25
Figura 7–	Ciranda na creche durante a quarentena	26

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Levantamento bibliográfico na Scientific Eletronic Library Online	29
Tabela 2 – Levantamento bibliográfico na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP	30
Tabela 3 – Levantamento bibliográfico no Repositório Institucional da UFSCar	31
Tabela 4 – Levantamento bibliográfico na Biblioteca Digital da UNICAMP	32

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

EMEIF - Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

SISU - Sistema de seleção unificada

UNESP - Universidade Estadual Paulista

SciELO - Scientific Electronic Library Online

USP - Universidade de São Paulo

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2. CAPÍTULO I. Memorial: trilhando caminhos para meu entrelaçamento com a musicalização infantil .....</b>	<b>14</b>
<b>3. CAPÍTULO II. METODOLOGIA .....</b>	<b>27</b>
<b>4. CAPÍTULO III . Quadro Teórico .....</b>	<b>34</b>
4.1 Conceituação do bebê e criança pequena na atualidade .....	34
4.2 Possibilidades de trabalho com a linguagem musical na infância. ....	37
4.3 Importância do repertório das crianças e das culturas das infâncias .....	47
<b>5. CAPÍTULO IV. Análise das observações em campo.....</b>	<b>50</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>60</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>62</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho surgiu a partir das experiências que tive como monitora escolar em uma creche Municipal localizada em Salto de Pirapora, S.P, nos anos de 2015 a 2020 e foi se concretizando ao longo de todo o percurso formativo da docência como estudante no curso de Pedagogia na Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba.

Durante todo o período em que atuei auxiliando educadores (as), muito me chamou a atenção os modos singulares de musicalizar e de como a música era vista e tratada no exercício da docência com os bebês, crianças de 0 a 3 anos no contexto da creche. Logo, por meio de observações e participações tive a oportunidade de testemunhar momentos de profundo respeito com a infância, com as culturas infantis e com a música.

Esse trabalho por meio de uma pesquisa de natureza quantitativa, caracterizada como um estudo de caso, investigou sobre quais são os modos e sentidos que a música pode ter no trabalho pedagógico com o bebê e a criança pequena na creche. Para alcançar essa finalidade foi entendido que é preciso compreender qual o conceito de infância na atualidade, pois os modos de se perceber o bebê e a criança tende a reverberar de modo direto no que as elas se propõe.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta a construção do meu memorial, no qual reflito sobre minha história pessoal e os caminhos trilhados que foram me interconectando com o tema de pesquisa, realizando um percurso desde as experiências musicais infantis, minha trajetória profissional, os estudos ao longo do curso de Pedagogia, meus sonhos e a militância. O segundo capítulo denominado de “Metodologia” apresenta quais foram os procedimentos metodológicos utilizados, bem como um resumo do levantamento bibliográfico com a apresentação das tabelas das bases de dados pesquisadas. O terceiro capítulo tem como título “Quadro teórico”, e nele são apresentadas as referências que subsidiam e embasam o tema. No quarto capítulo, denominado “Análise de observações em campo”, descrevo algumas situações vividas na creche e registradas no diário de campo, que foram também propulsoras da inquietação de pesquisa, e realizo reflexões sobre elas, à luz do quadro teórico estudado.

## **2. CAPÍTULO I. Memorial: trilhando caminhos para meu entrelaçamento com a musicalização infantil**

*Não quero adultos nem chatos.  
Quero-os metade infância e outra metade velhice!  
Crianças, para que não esqueçam o valor do vento no rosto;  
e velhos, para que nunca tenham pressa.*

*Oscar Wilde*

Hoje me coloco diante das muitas fases da minha vida para realizar reflexões sobre algumas delas. Tenho a cada dia mais a percepção que sábios mesmo são os artistas, que em seus momentos de criações são dotados de uma imensa capacidade de projetar por meio da arte coisas imagináveis, inimagináveis e as mais distópicas. Percebo que por meio da arte diversos valores, pensamentos e sentimentos podem ser revelados de modo poético.

Neste momento em que pego carona em uma viagem de volta ao trem do passado para contar um pouco sobre minha trajetória de vida, não me desconecto do tempo presente, da vivência atual, pois as escolas e creches no momento da escrita deste trabalho encontram-se fechadas desde o mês de março de 2020 em razão da pandemia ocasionada pelo vírus COVID-19, sem ser possível ouvir os sons que vem de um doce lugar chamado infância. Nos corredores não se ouvem os sons dos diferentes sapatinhos infantis, os gritos em meios às brincadeiras no parquinho, os diferentes bate papos, as risadas no refeitório, o bater das canecas na mesa, o estatelar das colheres ao bater nos pratos, a batucada no lanche da tarde, as músicas cantaroladas em um horário e lugar qualquer, e as vozes das crianças com amorosidade a me chamar. Quando agora adentro a creche, percebo na frieza dos espaços vazios que falta o mais significativo: os muitos sons das paisagens sonoras que só podem ser compostas pelas vidas que pulsam, se relacionam e alegram.

Meu nome é Claudineia Martins da Silva Leite, nasci em Salto de Pirapora /SP em 1983 e sou a mais nova de seis irmãos, que agora são cinco, pois o que era um ano mais velho do que eu e com que vivi momentos honrosos de minha infância e adolescência não está mais entre nós. Sou filha de pais pernambucanos que tinham imenso orgulho de suas raízes do sertão. Minha mãe e meu pai eram analfabetos, pois quando crianças não tiveram a oportunidade de frequentar à escola. Mas faziam questão de ressaltar as dificuldades enfrentadas pela falta de leitura e trataram de incentivar os filhos a estudar e dar sempre muito valor aos estudos.

Muito da minha trajetória até chegar ao tema da musicalização infantil vai se constituindo na minha própria infância. Assim sendo, por meio desse memorial, narro fatos que me levaram a me interessar pela temática, minhas trajetórias, militâncias e sonhos.

A música sempre me chamou muito a atenção durante toda vida, pois tive uma infância marcada por escutas musicais diversificadas em meu seio familiar. Delas preservo doces memórias afetivas, me recordando de histórias ouvidas em estações de rádio AM e das músicas tocadas em FM no aparelho de som do tipo “toca discos” que ficava na velha estante da sala. Como era divertido colocar para tocar os discos de vinil dos diversos artistas que minhas irmãs compravam: Odair José, Leandro e Leonardo, Chitãozinho e Xororó, Raça Negra, Flash Back, cantores de forró e o amado rei do Baião, Luiz Gonzaga, preferido da apreciação do meu querido pai (*in memoriam*). Ele amava suas canções por ter uma ligação direta e afetiva com suas raízes nordestinas e ensinou seus filhos a gostarem, já que escutava repetidas vezes na semana. Ainda criança passei a gostar de Luiz Gonzaga e cantarolar enquanto o LP girava com suas várias canções: Vida de viajante, Riacho do Navio e Asa Branca.

*Chuva e sol, poeira e carvão*

*Longe de casa, sigo o roteiro*

*Mais uma estação*

*E alegria no coração*

Os repertórios musicais apreciados em família eram amplos e faziam parte da nossa rotina matinal. Tínhamos uma porção de músicas de raiz, não deixando de lado os diversos sambas que se entrelaçavam com o pop. Na hora do almoço começavam o rock e as “internacionais”, como era costumeiro denominar as músicas de outros países. Ao cair da noite aconteciam os muitos sertanejos e os louvores da igreja, nas rezas do terço que costumava frequentar com a minha mãe. Esses sons compunham minha meninice, se reestabelecendo em minha vida de mulher adulta e me proporcionando uma boa relação apreciativa com o mundo musical de modo a me levar a perceber a importância desta linguagem mesmo quando ainda não entendia seus porquês. Desde menina, sem entender o motivo, eu já sentia que a escuta eclética me fazia bem.

Nunca frequentei a creche. Mas a partir de 1988 na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF João Fernandes de Andrade, em Salto de Pirapora/SP, onde cursei a pré-escola, também tive a música muito presente, mais do que em todos os outros anos de educação básica. Recordo-me de algumas músicas do cancionário como: Borboletinha, A cobra não tem pé, Alecrim Dourado, Ciranda Cirandinha, Pirulito que bate



bate, Pombinha branca, etc. Apesar de lembrar que elas eram cantadas, não tenho recordação das vozes das professoras.

Recordo-me que algo muito rotineiro na pré-escola era a existência de músicas para tudo: hora do lanchinho, vamos cantar; para formar fila, uma “musiquinha” e lá iam todas as crianças com as mãos nos ombros do amiguinho; para as datas comemorativas sempre havia uma canção que se prestava a apresentações do dia das mães, festejos juninos, dia dos pais. Havia muitos ensaios e para datas comemorativas tinha que ter música “para ficar bem bonito!”: assim as professoras costumavam enfatizar. Dançar era uma obrigação que acontecia junto com o canto. Na época isso para mim não era uma problemática, pois eu sempre gostei de dançar. Mas para muitas crianças essa obrigação representava sofrimento.

As atividades que objetivam somente a imitação e não abrem espaço para a expressividade individual, como eram e ainda costumam ser recorrentes em creches e escolas, são vistas como formas de imposição e autoritarismo, conforme estudos de pesquisadores (as) de grande referência na área musical. Quanto a esse tipo de propostas a educadora musical Leda Maffioletti (2001, p.132) afirma que:

[...] Por trás da proposta “façam como eu faço” está a mensagem “o meu jeito é o correto”, ou “você não sabe fazer e deve copiar quem sabe”. Essas atividades realizadas sistematicamente, como acontece na pré-escola, acabam por tornar verdadeira a mensagem embutida nas propostas. A criança passa a ter a sensação que não sabe, e se acomoda aos modelos, criando um círculo vicioso que faz o professor pensar que só copiando a criança vai aprender a se expressar. Precisamente aqui é feita uma ligação ingênua entre a aprendizagem da imitação e o desenvolvimento da capacidade de expressão corporal.

Em relação a esses episódios vivenciados em minha de pré-escola, hoje tenho a percepção de que as aproximações com sonoridades musicais desta época se resumiam em reprodução, imitação e espetáculo com o uso da música com um viés utilitarista, o que me leva a diferenciar da presença da música em meu contexto familiar. Em casa escutávamos quase tudo e hoje percebo que era bem mais prazeroso em comparação ao ambiente educacional. Em casa eu podia ser livre para escutar músicas, cantar e dançar.



**Figura 1:** Festa Julina na pré-escola, eu e meu irmão. Acervo da autora.

Há uma voz que não esqueço, dentre as memórias musicais que trago da EMEIEF João Fernandes. É a de um motorista do transporte escolar municipal que nós chamávamos de tio Bertinho, um senhor muito alegre, muito querido por toda a criançada. Ele dirigia o ônibus escolar para as crianças que moravam longe. Nos passeios propostos pela escola, ele ia inventando versos que emendavam em canções infantis. Sua maior satisfação era ouvir as crianças cantarolando enquanto dirigia até o destino. Lembro-me de sua voz e também de suas improvisações, de músicas cantadas com tamanha alegria que ganhavam eco nas vozes infantis, ressoando com empolgação dentro do ônibus de cor vermelha. “Segura o tio Bertinho que ele vai fugir! Roubou meu peniquinho de fazer xixi”, inventava o tio Bertinho. Assim, minhas memórias significativas envolvendo música e escola começam do lado de fora, em versos e canções propiciadas pelo motorista do ônibus escolar.



**Figura 2:** Ônibus escolar vermelho da pré-escola: Salto de Pirapora nas antigas. Fonte: Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/613497832849572/?ref=share>.

Em minha infância sempre brinquei muito na rua com meu irmão Claudinei Martins (*in memoriam*) e com outras crianças, pois na época não tinha tanto perigo como hoje, e me recordo que em frente de casa eram muitas as invenções. Lá na ruazinha que nasci e cresci costumávamos brincar de música: Adoleta, Lá em cima do piano, Rei capitão, Caranguejo, Babalu - jogo de mãos, muitas parlendas e adaptações de brincadeiras tradicionais, tais como “mãe da rua”, que ficava “mãe da música”. Ao modificarmos essa brincadeira, a regra passava a ser que uma criança tinha que ficar no meio da rua, falar uma letra aleatória para que a molecada cantarolasse uma música que iniciasse com aquela vogal ou consoante.

Constantemente na meninice me recordo de adorar assistir programas de TV que tinham muitas apresentações musicais de artistas com os irmãos mais velhos e quando eu tinha por volta dos 8 anos de idade adorava dançar com meu irmão. Nos divertíamos muito e toda família incentivava a dança. Recordo-me que por volta de 1990 nos arriscávamos nos passinhos da lambada que embalava a década e até fiz minha irmã comprar um figurino para dançar.

Na adolescência a música continuava fortemente presente, mas fora da escola. Eu e minhas amigas dançávamos na calçada um pouco de tudo: sertanejo, rock, pop, rap, funk, samba, pagode, axé. Nas rádios eu escutava muito a banda Legião Urbana, amando cantar suas canções junto com meu irmão.

Na fase adulta, mais precisamente em 2015, decidi prestar um concurso público para monitora escolar na cidade onde resido, Salto de Pirapora. O cargo pretendido tinha dentre suas atribuições auxiliar os(as) educadores(as) titulares a cuidar e educar de bebês e crianças pequenas em creches. O cuidar e educar são dimensões que estão estreitamente vinculadas, portanto, precisam ser trabalhadas juntas. Sobre isto, Bujes (2001, p.16) comenta:

Cuidar e educar - A educação da criança pequena envolve simultaneamente dois processos complementares e indissociáveis: educar e cuidar. As crianças desta faixa etária, como sabemos, tem necessidades de atenção, carinho, segurança sem as quais dificilmente poderiam sobreviver. Simultaneamente, nesta etapa, as crianças tomam contato com o mundo que as cerca, através das experiências diretas com as pessoas e as coisas deste mundo e com as formas de expressão que nele ocorrem. Esta inserção das crianças no mundo não seria possível sem que atividades voltadas simultaneamente para cuidar e educar estivessem presentes.

Realizei o concurso e fui classificada, iniciando o trabalho no mesmo ano, e nesta época ainda não cursava Pedagogia, mas sim licenciatura em Ciências Biológicas na UFSCar *campus* Sorocaba, curso que iniciei em 2014. Aprendendo sobre o trabalho com as crianças,

observando o trabalho dos educadores (as), eu ia me afeiçoando cada vez mais à Educação Infantil, ficando tentada a abandonar a Biologia, mas tinha dúvidas.

Ao fazer a disciplina de Gestão Escolar com o Prof. Dr. Paulo Gomes Lima, que ministrava Política Educacional também no curso de Pedagogia, resolvi comentar com ele sobre minhas dúvidas, pedir orientações e conhecer como funcionava o curso de Pedagogia. As orientações foram muito esclarecedoras, e o que me chamou atenção em relação a este professor é que ele nem me conhecia, mas consegui perceber sua predisposição a ouvir, bem como enfatizam os diversos teóricos das pedagogias da infância sobre a escuta da criança, e por meio desse gesto aprendo sobre escuta e acolhimento.

Estando inscrita no exame nacional do ensino médio (ENEM) que ocorreria no fim de 2015 resolvi arriscar e tentar a bolsa para Pedagogia em 2016. Concorri às vagas pelo sistema de seleção unificada (SISU) pelo sistema de cotas raciais e fui aprovada, enveredando pelos caminhos da docência que hoje tenho a plena certeza de ser a escolha certa.

No primeiro semestre do curso de Pedagogia comecei a ter os ouvidos mais curiosos para os trabalhos com música, pois comecei a auxiliar uma professora que não tinha formação em Pedagogia, mas sim em Arte. Ela trabalhava muito com música junto ao berçário 2, usando sempre o canto e a apreciação de cantigas do cancionário popular e da música popular brasileira. No trabalho com essa professora o meu próprio repertório foi se expandindo e passei a me interessar bastante pelas possibilidades da musicalização.

Dialogava sempre com ela sobre o meu gosto por música, poesia e dança e ela me aconselhava a pensar na possibilidade de seguir no caminho de trabalhar as artes com as crianças, mas eu insistia em responder que não sabia desenhar, que cantava bem desafinado. Ela me dizia que trabalhar com as linguagens artísticas com as crianças é algo muito sério, que solicita estudo, exploração, experimentação e vivência, me motivando buscar conhecimentos.

Existem coisas que acontecem em nossas vidas que são inexplicáveis. Logo ao iniciar o curso de Pedagogia na UFSCar *campus* Sorocaba, no 1º semestre ao cursar a disciplina de Pesquisas e Práticas Pedagógicas I (PPP I), as professoras Claudia Regina Vieira e Lucia Lombardi propuseram à nossa turma vivências musicais e brincantes por meio de um repertório variado de cirandas de roda, tais como uma de minhas preferidas – “Eu morava na Areia”–, o que me fez retornar à singeleza dos meus tempos de infância e poder me reconectar com a música, dentro da universidade pública.



**Figura 3:** Roda de cirandas no gramado, em março de 2016, com minha turma de Pedagogia, professoras Lucia e Claudia. Fonte: acervo de José Edson de Oliveira.

Em 2017 quando eu estava no segundo ano do curso fiquei sabendo de um curso de musicalização que ocorreria na cidade de Sorocaba e seria ministrado por uma professora formada em música pela UNESP e em Piano pelo Conservatório de Tatuí, cujo nome era Sandra Lima. Realizei o curso e fiquei encantada pelas possibilidades de poder realizar um trabalho com a música em sala de aula de modo brincante e lúdico.



**Figura 4:** Curso de musicalização infantil por Sandra Lima em 2018. Fotografias do acervo da autora.



Desde então passei a fazer vários cursos ministrados por esta professora como: Musicalizando bebês, músicas para sala de aula, histórias para cantar e brincar, e também outros relacionados à música na educação com outros (as) educadores (as), comecei a comprar muitos materiais relacionados à musicalização, como: CDs de músicas do cancionário gravadas pela própria Sandra Lima, instrumentos musicais, fazer instrumentos alternativos, comprar livros de autores (as) que pesquisam sobre música, realizar leituras de textos, ver vídeos e baixar um amplo repertório musical.

Os cursos de musicalização infantil e as leituras me possibilitaram ampliar minha visão e ter novas ideias para trabalhar com a música na creche. Através do aprendido e aprendendo, tentava fazer com que a música começasse a se fazer presente no dia-a-dia das crianças e os (as) educadores (as) permitiam trabalhos com a música.

Em relação ao curso de Pedagogia da UFSCar considero que todas as disciplinas contribuíram de forma significativa para minha prática e para uma reflexão aprofundada sobre ela, já que por meio dos conhecimentos adquiridos neste percurso de formação houve mudanças significativas em minhas formas de pensar, agir, porque nesses processos de construção fui me desconstruindo e reconstruindo. Somado a isso, estar atuando e vivenciando as cotidianidades da Educação Infantil no chão da creche, me possibilitou realizar reflexões profundas enquanto eu trilhava os caminhos para me formar pedagoga.

Um dos acontecimentos que considero de plena significância durante o curso de Pedagogia para que eu pudesse ter certeza sobre o meu tema de pesquisa aconteceu no âmbito da disciplina “Metodologia do Ensino de Arte”, ministrada no sétimo semestre, pensada naquela ocasião em módulos que propiciassem oportunidades de estudo das quatro linguagens artísticas do Teatro, das Artes Visuais, da Música e da Dança, levando em conta as artes afro-brasileiras e as artes indígenas. Essa é uma disciplina de 60 horas, não havendo uma disciplina destinada especificamente à Música na matriz curricular deste curso de Pedagogia, diferentemente do que acontece em algumas outras universidades do Brasil. Como verificaram as pesquisadoras Monique Traverzim e Wasti Henriques (2015), o espaço destinado à música no curso de Pedagogia ainda é inexpressivo, muito restrito, podendo ser considerado potencial, mas não real. A maior parte dos cursos de Pedagogia que oferecem disciplinas artísticas ainda tem foco nas Artes Visuais e, no geral, um tempo muito pequeno destinado a essa área na formação de pedagogos (as), apesar da necessidade de professores (as) de crianças estarem capacitados (as) a fazerem emergir as culturas infantis.

Mesmo diante da carga horária abreviada para se estudar as quatro diferentes linguagens da arte, na nossa disciplina, dentre outras práticas pedagógicas, fomos convidados

(as) a escolher um dos temas de estudo para ministrar uma aula coletiva para os (as) colegas da turma. O preparo acontecia mediante a leitura e o diálogo sobre os textos de referência e orientações da docente na preparação do plano de ações pedagógicas imaginadas para a aula. Eu e mais cinco colegas da turma – Dayane Prado, Julia Galvani, Julia Braga, Larissa Chaves e Paulete Zilli – escolhemos o tema da Música na Educação Básica.

As leituras principais de referência abordavam a formação e as práticas educativo-musicais de professores (as) de crianças, não especialistas em música, sobretudo do curso de Pedagogia, pensando sobre suas possibilidades de conhecimento musical (BELLOCHIO, 2003; 2014; 2017). Lemos também outros textos sobre musicalização infantil, a importância do canto na escola e a utilização de instrumentos musicais na sala de aula. Para a aula coletiva, pedimos que colegas de toda a turma levassem os instrumentos musicais que possuíssem. Muitas pessoas levaram instrumentos convencionais e eu levei, além desses, também alguns instrumentos confeccionados com materiais alternativos, especialmente para essa aula. Naquela noite coloquei todos em uma grande mala e subi a rua do meu bairro arrastando-a com suas rodinhas barulhentas para tomar o ônibus.

A aula foi pensada para iniciar com o canto, pois, conforme menciona Bellochio (2003, p.132): “cantar continua sendo uma alternativa possível de realização musical nas escolas brasileiras. No entanto, é preciso saber como cantar, o que cantar, como selecionar repertório e dar-lhe um tratamento musical interrelacionado a outras ênfases educacionais”. Convidamos o coral de um amigo da turma chamado Jefferson Carvalho. Com a coordenação dos (das) cantores (as) mais experientes desse coral, foram divididos grupos de vozes masculinas e femininas que ensaiaram uma canção separadamente, antes de cantarmos todos (as) juntos (as). Para diversas pessoas da turma a experiência do cruzamento de vozes em coro aconteceu pela primeira vez naquela noite, propiciando a partilha de sensações provocadas pela comunicação musical. Como afirmam Traverzim e Henriques (2015, p. 106):

Ao cantarmos em conjunto, podemos incentivar o aluno a perceber as características melódicas, rítmicas e harmônicas da canção, compreender a letra, o tipo de sonoridade que deve produzir ao interpretá-la e como essas características podem ser utilizadas na construção de um arranjo ou de uma composição musical. Ouvir o outro e ouvir-se no grupo são aspectos essenciais no desenvolvimento da musicalidade e das habilidades básicas para se fazer música coletivamente, como acontece no contexto escolar.

Foram feitos variados jogos musicais em grupo, a apreciação de livros e instrumentos e um debate sobre os textos lidos. Observamos que, como afirma Bellochio, a música é muito presente no cotidiano de nossas vidas, impulsionando várias formas de nos relacionarmos

com o mundo, porém, ainda não temos processos de formação suficientemente articulados e aprofundados para que possamos trabalhar com a educação musical na escola. A oportunidade de reconhecer e valorizar essa área do conhecimento em uma disciplina do curso, apesar do pouco tempo existente, oportunizou que algumas considerações importantes fossem tecidas e que fosse desenvolvida uma predisposição para futuros estudos e aprofundamentos sobre a cultura musical na educação.



**Figura 5:** Aula criada por meu grupo em 12/06/2019. Fotografias do acervo de Lucia Lombardi.

Em relação ao meu percurso acadêmico, não deixo de considerar a importância que todas as disciplinas tiveram em minha constituição de ser docente, mas a de “Educação infantil”, a “Educação, Corpo e Movimento” e “Metodologia do ensino de Arte” foram as que me fizeram desejar perseguir o propósito de aprofundar pesquisas sobre o trabalho com a linguagem musical na primeira infância.

Em relação ao meu trabalho com crianças, por um bom tempo trabalhei em uma creche que ficava um pouco distante do meu bairro. Em janeiro de 2018 consegui uma almejada transferência para mais perto. Ao chegar à creche fui muito bem recebida pelos (as) profissionais que já faziam parte da equipe, sendo alocada como monitora da turma do maternal 1. Na trajetória de cinco anos de rede municipal, percebi que algumas professoras parecem gostar de trabalhar com a linguagem musical e outras trabalham por imposição de rotinas e com a arte somente como entretenimento, ficando perceptível os diferentes vieses da música no trabalho pedagógico na creche.

Um fato muito curioso que me venho à mente nesse exercício de lembrar é de como elas são capazes de nos fazer ressignificar alguns fatos vividos, como se acendesse uma lanterna em coisas importantes que antes não nos demos conta. Dentre os acontecimentos que me aguçaram trilhar pelos caminhos da musicalização infantil foi o trabalho com uma



professora de Artes que atuava em berçário, sendo que o contexto no qual ela me apresentou uma musicalização possível e diferente do que eu conhecia foi justamente em uma sala de bebês.

Devido às muitas experiências observadas na educação infantil constatei que a música na maioria das vezes tem portas abertas quase que escancaradas em momentos pontuais: festividades escolares, rodinhas cantadas da manhã, antes de refeições, guardar brinquedos, existindo por alguns quase uma negação da expressão e musicalidade da criança, o que me remete a fazer uma conexão com minha época da pré-escola.

Nos trabalhos musicais com bebês e crianças pequenas nas creches ainda é forte a predominância da música usada como “ferramenta para se trabalhar algo”, sendo que a música não é vista como tendo um fim nela mesma. São comuns os “cantos de comando ou relacionados às datas comemorativas do calendário cívico-escolar” (TRAVERZIM, HENRIQUES, 2015), bem como os episódios de uso da música por imposição de rotinas feitas pelos gestores; a repetição de repertórios sem a apresentação de novidades por meses, anos a fio; o predomínio de posturas adultocêntricas que não permitem que as crianças se expressem, criem sons, façam uso do conjunto de percussão, ouçam outras músicas e experienciem do fazer com a linguagem musical. Presumo ser suma importância a busca por um caminho de uma musicalização significativa e acima de tudo respeitosa com as crianças.

Na creche em que trabalho atualmente sempre costumo fazer o possível para dialogar com os (as) educadores (as) e todos da equipe sobre a importância do trabalho com música, pois costumo problematizar as aprendizagens construídas na universidade, dos (as) autores (as), das leituras realizadas, dos cursos e oficinas que realizo, enfatizando a relevância de se trabalhar com repertório diversificado que busque a democratização da arte. Entretanto, ainda encontro muitas dificuldades de aceitação da música, pois sinto que para muitos ela significa barulho e remete à agitação dos corpos infantis.

No ano de 2019 em uma reunião de pais e mães expressei minha opinião sobre a importância da música na educação dos bebês e crianças pequenas e defendi a ampliação de repertórios, exploração de instrumentos. Nesta sala, após minha fala, obtive o maior apoio da comunidade até hoje em relação ao trabalho com ações musicais. A pessoa que mais apoia os trabalhos musicais dentro da creche na qual trabalho é a gestora, que pensa ser de fundamental relevância o trabalho com as artes. Ela luta para a quebra da resistência em relação ao trabalho com música e me autoriza a desenvolver algumas ações neste sentido com as crianças.

Em minha família tenho um tio que mora em Pernambuco que é tocador de sanfona. Meus parentes que moram mais próximos gostam de música. Eu não sei tocar instrumentos musicais, porém, ainda tenho a pretensão de um dia conhecer de forma mais aprofundada a linguagem musical e tocar percussão. Tenho muito interesse em aprender a tocar pandeiro, surdo, rebolo, tantan, tamborim, atabaque: sou apaixonada pela batucada!

Considero indispensável à formação continuada dos pedagogos, mas não desconsidero a necessidade de licenciados em música para trabalhar com as crianças na creche e ofertar orientação a educadores (as) não especialistas em música. Acredito na música em uma perspectiva de formação holística, e acima de tudo em sua função social, humana e crítica. Costumo comprar instrumentos musicais e também confeccionar alguns com materiais alternativos a partir de tampinhas, chaves, garrafa pets, cabos de vassoura, conduítes e os coloco em uma mala que batizei carinhosamente de “Mala dos Sons”.



**Figura 6:** Meus instrumentos musicais. Fotografia do acervo da autora.

Quando tenho oportunidade preparo salas com instrumentos musicais com o conjunto de percussão da creche, com os meus convencionais e alternativos para que os bebês e as crianças possam explorar livremente, mas infelizmente isso ainda acaba ficando restrito a momentos pontuais, pois depende muito da abertura dos (as) educadores (as) com quem trabalho, alguns só aceitam quando acham oportuno, e muitas vezes encontro menos resistência por parte de auxiliares, estagiários (as) e demais funcionários (as) com quem realizo outras ações. Faço o que está ao alcance, seguindo com resistência e acreditando piamente nas mudanças de paradigmas.

Costumo trazer as problemáticas aprendidas nos livros cursos e propor alguns trabalhos em coletivo para equipe, pois todos somos capazes de trabalhar com a música, e no trabalho com a música irmos buscando refletir a cada dia sobre ele.



**Figura 7:** Ciranda na creche durante quarentena 2020. Fotografia do acervo da autora.

Acredito que essa pesquisa pode contribuir para a melhoria de práticas pedagógicas na creche, convidando toda a rede para debates sobre a temática, pois são escassas as ações no município que discorram sobre o trabalho com a música com bebês e crianças pequenas. Em cinco anos somente uma oficina de musicalização foi dirigida aos educadores (as), o que considero pouco devido à visualização do engessamento de práticas. Todos nós precisamos entender o processo educativo da criança, até para modificação do trabalho no chão da creche. Vejo a necessidade de maiores debates sobre esse tema para que seja levado ao alcance de um número maior de pessoas, e se oportunizem mais diálogos e reflexões sobre as práticas musicais e pedagogia.

Defendo que todos deveriam ter acesso aos bens simbólicos por meio da democratização da arte, pois é um direito de todos o acesso ao patrimônio cultural produzido pela humanidade, mas em um país tão desigual isso fica restrito a uma determinada classe elitista. Construo um olhar de esperança para os trabalhos dos educadores (as), no sentido de fazerem a diferença onde estão, buscando a promoção do acesso, pois é muitas vezes através das ações realizadas dentro das instituições as únicas ou maiores oportunidades de contato em relação à arte que a criança tem.

Sendo os (as) educadores (as) de creches os (as) responsáveis por trabalharem a linguagem musical sem muitas vezes contar com docentes licenciados em música como apoio, cabe ressaltar o quão importante se fazem as pesquisas que se propõe a se debruçar sobre a temática da música no trabalho pedagógico com bebês e crianças pequenas para que voltemos nossos olhares para a arte que ainda carrega as marcas da negligência mesmo diante de todos os avanços e para a primeira infância, salientando a importância dessa etapa da vida.

### 3. CAPÍTULO II. METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como temática principal a música no trabalho pedagógico com bebês e crianças pequenas na creche, sendo percorrida com base na seguinte questão-problema: quais são os modos e os sentidos que a música pode ter no trabalho pedagógico com o bebê e criança pequena na creche?

Considerando a importância do trabalho pedagógico com a música desde a primeira infância para a formação do ser humano em uma perspectiva integral, as inquietações de estudo surgiram a partir de observações da musicalização na creche onde atuo como monitora escolar desde o ano de 2018 na cidade de Salto de Pirapora, São Paulo.

Sendo que as pesquisas científicas podem ser classificadas quanto à sua natureza, seu método de investigação, a abordagem do problema, abordagem dos objetivos, abordagem dos procedimentos de coleta e análise de dados, consideramos que esta seja uma pesquisa de natureza qualitativa e classificada como um estudo de caso, que conforme Severino (2007, p.121) é a “pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular, considerando representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo.”

Os procedimentos metodológicos do presente trabalho envolveram a inserção em campo, por meio das experiências diretas vivenciadas pela pesquisadora em sua atuação em uma creche localizada em de Salto de Pirapora, que atende setenta e cinco crianças de zero a três anos de idade. Para coletar dados em campo foram feitas observações das práticas pedagógicas, as quais foram devidamente registradas em um Diário de Campo durante os anos de 2018 a 2020 visando à análise de vivências da imersão na cotidianidade da instituição.

Vale mencionar que, conforme afirma Malheiros, ir a campo levantar dados significa ir ao encontro do objeto de estudo sem integrar-se a ele, já que um estudo de campo “supõe um certo afastamento do pesquisador em relação ao objeto, na medida em que o que se almeja é levantar os dados no sentido de ser capaz de descrever o fenômeno, o fato real.” (MALHEIROS, 2011, p.97). O estudo de campo é observacional, mas não intervencionista, conforme menciona esse autor. Assim sendo, este trabalho se compôs como um estudo de caso, pois realizou a coleta de dados em um grupo e situação específica, partindo de uma pergunta que objetiva aumentar o conhecimento acerca de um assunto, desejando não somente conhecer, mas também “intervir em realidades singulares” (MALHEIROS, 2011, p. 94).

Durante os anos de observação na creche pesquisada pude notar diferentes formas de realizar trabalhos musicais por parte dos(das) educadores(as) que eu auxiliava. Isto me

permitiu exercitar na cotidianidade da minha situação de docência integrada à pesquisa, algumas competências básicas indicadas por Ganga (2011) para se realizar um estudo de caso: ter a capacidade de formular boas questões; ser boa ouvinte e não permitir que minhas ideologias e preconceitos me atrapalhassem; ser adaptável e flexível em situações inusitadas, de modo a encará-las como oportunidades e não ameaças; possuir noção do assunto do estudo, mesmo que eu ainda estivesse em processo exploratório da bibliografia, sendo que “a revisão de literatura tem papel decisivo nesse quesito”. (GANGA, 2011, p. 313).

Considerando o período de observação que se deu dos anos de 2018 a 2020, para realizar uma análise mais aprofundada das práticas, foram selecionadas as seguintes situações:

Maternal 2, com 22 crianças de 3 anos: observação no dia 09/05/2018, no período da tarde.

Berçário 1, com 07 bebês de até 1 ano, junto com o Berçário 2, com 14 bebês de 1 a 2 anos: observação no dia 05/07/2018, no período da manhã.

Maternal 1, com 24 crianças de 2 a 3 anos, junto com Maternal 2, com 22 crianças de 3 anos: observação 29/06/2019, no período da tarde.

Maternal 1, com 24 crianças de 2 a 3 anos: observação no dia 05/02/2020, no período da manhã.

Depois de delimitado o problema de pesquisa foram definidas as palavras-chave: bebê AND música; criança AND música; música AND creche; musicalização infantil; Educação Musical; primeira infância; bebê AND creche. Foram realizados levantamentos em quatro base de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo (USP), Repositório Institucional da UFSCar e Biblioteca Digital da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Para a realização da leitura exploratória foram lidos os títulos e resumos dos trabalhos encontrados, indagando sobre suas relações com o tema da pesquisa. Livros e artigos escritos por pesquisadores (as) da área da Educação Musical que são amplamente conhecidas, que eu já trazia em meu repertório desde as indicações feitas na disciplina de Arte no curso de graduação e de outros modos de procurar por livros, já estavam incluídas mesmo antes da construção das tabelas. Realizada essa etapa, foram selecionadas mais dez publicações considerando a especificidade do TCC, sendo realizados seus fichamentos.

**Tabela 1 - Levantamento bibliográfico na Scientific Electronic Library Online**

SciELO – Scientific Electronic Library Online			
Palavra – chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas para a pesquisa	Títulos selecionados para a pesquisa
Bebê AND música	4	0	0
Criança AND música	29	0	0
Música AND Creche	0	0	0
Musicalização infantil	0	0	0
Educação musical	70	1	MEDINA, Alice. <b>As escritas corporais da caixinha de música: Educação Infantil.</b> Educ. rev, Curitiba, n. 64, p. 267-281, Jun. 2017. Disponível em: < <a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S010440602017000200267&amp;lng=en&amp;nr=iso">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S010440602017000200267&amp;lng=en&amp;nr=iso</a> >. Acesso em: 12. Jun.2020. <a href="https://doi.org/10.1590/0104-4060.48668">https://doi.org/10.1590/0104-4060.48668</a> .
Primeira infância	124	0	0

**Tabela 2 - Levantamento bibliográfico na Biblioteca de Teses e Dissertações da USP**

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP			
Palavra – chave	Nº de referências encontradas no	Nº de referências selecionadas	Títulos selecionados para a pesquisa

	total	para a pesquisa	
Bebê AND creche	0	0	0
Criança AND música	0	0	0
Música AND Creche	0	0	0
Musicalização infantil	3	2	<p>MARIANO, Fabiana Leite Rabello. <b>Música no berçário:</b> formação de professores e a teoria da aprendizagem musical de Edwin Gordon.2015.Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo,2015.doi:10.11606/T.48.2015.tde-14122015153241.Disponível em:&lt;<a href="https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde14122015153241/pt-br.php">https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde14122015153241/pt-br.php</a>&gt;&gt;.Acesso em: 05. Jun.2020.</p> <p>TORMIN, Malba Cunha. <b>Dubabi Du:</b> uma proposta de formação e intervenção musical na creche. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo,2014.doi:10.11606/T.48.2014.tde25092014-152305.Disponível em:<a href="https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde25092014152305/pt-br.php">https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde25092014152305/pt-br.php</a>&gt;. Acesso : 05. Jun.2020.</p>
Primeira infância	73	1	<p>SIUFI,Cláudia Jaqueline de Souza. <b>A ludicidade e a inquiribilidade no processo da educação musical na primeira infância.</b> 2018. Dissertação (Mestrado em Processos de Criação Musical) -Escola de</p>

			Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/D.27.2018.tde05122018115448. Disponível em: < <a href="https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27158/tde05122018-115448/pt-br.php">https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27158/tde05122018-115448/pt-br.php</a> >. Acesso em: 05.Jun .2020.
--	--	--	--

**Tabela 3 - Levantamento bibliográfico no Repositório da UFSCar**

Repositório Institucional da UFSCar			
Palavras – Chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas para a pesquisa	Títulos selecionados para a pesquisa
Música AND Creche	226	0	0
Bebê AND Música	367	1	DAREZZO, Margareth. <b>Impacto de um programa de ensino para cuidadoras em creche:</b> música como condição facilitadora de condutas humanas ao lidar com bebês. 2004. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004. Disponível em: < <a href="https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/3016/DissMD.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/3016/DissMD.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a> >. Acesso em: 09. Jun.2020.
Criança AND música	930	1	SILVA, Mariana Galon da. <b>Criação musical coletiva com crianças:</b> possíveis contribuições para processos de educação humanizadora. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: < <a href="https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2749/6565.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2749/6565.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a> >>. Acesso em: 09. Jun.2020.



Musicalização infantil	973	0	0
Primeira infância	1704	0	0

**Tabela 4 - Levantamento bibliográfico na Biblioteca Digital da UNICAMP**

Biblioteca Digital UNICAMP			
Palavras – Chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas para a pesquisa	Títulos selecionados para a pesquisa
Música AND Creche	1	0	0
Bebê AND Música	2	1	PRUDÊNCIO, Cintia Rodrigues. <b>O universo musical na Educação infantil</b> .f.29.Trabalho de Conclusão de curso. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.Campinas,SP,2008.Disponível em:< <a href="http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=41088&amp;opt=4">http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=41088&amp;opt=4</a> >>.Acesso em: 04.Jun.2020.
Criança AND música	17	1	SILVA, Sandra Maria Bezerra da. <b>Musica na creche:</b> as possíveis interações das crianças de 0 a 18 meses com os fenômenos sonoros. f.57. 2006. Trabalho de Conclusão de curso. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, SP, 2006. Disponível em:< <a href="http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000371012&amp;opt=4">http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000371012&amp;opt=4</a> >>.Acesso em:04.Jun.2020.
Musicalização infantil	7	2	SOARES, Janaina Mascarenhas. <b>Musicalização na educação infantil:</b> memórias e reflexões sobre uma prática.f.59.Trabalho de

			<p>Conclusão de curso .Faculdade de Educação.Universidade Estadual de Campinas.Campinas, SP. 2007.Disponívelem:<a href="http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000410382&amp;opt=4">http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000410382&amp;opt=4</a>. Acesso em: 04. Jun .2020.</p> <p>ZANCHETTA, DanielleMoreira. <b>Musicalização para bebês.</b> Trabalho de conclusão de curso , f .27.Universidade Estadual de Campinas, SP, 2004.Disponível em:<a href="http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000329253&amp;opt=4">http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000329253&amp;opt=4</a>.Acesso em: 04.Jun .2020.</p>
--	--	--	---

## 4. CAPÍTULO III. Quadro Teórico

### 4.1 Conceituação do bebê e criança pequena na atualidade

A infância nem sempre foi vista de forma contextualizada, mas com os avanços decorrentes das pesquisas foram surgindo campos com olhares a respeito de quem são os bebês e as crianças focando não somente em seu desenvolvimento biológico, mas se voltando também aos modos singulares de ser criança em diversos contextos. Um desses campos é a sociologia da infância que estuda a infância em si mesma, isto é, como uma categoria sociológica do tipo geracional, conforme explica o educador e pesquisador das infâncias Martins Filho (2011). Para a sociologia da infância, as crianças são atores sociais ativos, por isso torna-se prudente dar visibilidade aos processos de socialização com base em suas próprias ações.

Em outros termos, alertam para importância de os pesquisadores captarem situações relacionais das crianças quando estão entre elas, no intuito de desvelar os jeitos de ser criança. Em nossa análise, tal afirmação justifica a crescente busca dos pesquisadores por esse recente campo de conhecimento nas pesquisas com crianças, o que tem contribuído fortemente para que a criança seja revelada em sua especificidade, considerando – se os múltiplos contextos sociais e culturais. Com base nas pesquisas analisadas, podemos inferir que a sociologia da infância se configura como um campo importante nessa discussão e tem se colocado como interlocutora privilegiada no âmbito de constituição de uma pedagogia da infância. (MARTINS FILHO, 2011, p.88).

Na atualidade muitos pesquisadores têm se debruçado sobre as especificidades dessa faixa etária e, conforme os estudos de Siufi (2018), muito tem sido questionado sobre o conceito de infância nos dias de hoje, pois ainda continuam sendo empregados conceitos reducionistas sobre bebês e as crianças, que se ancoram em um único viés, sem realizar uma interconexão com os contextos que as cercam. Hoje emergem estudos conscientes sobre a importância de se levar em conta a singularidade infantil e de reconhecer as crianças como sujeitos históricos e produtores de cultura.

Olhar para as infâncias por outras perspectivas que não somente em fases do desenvolvimento, é muito importante, mas isso não quer dizer que se pretende negar seu caráter de desenvolvimento biológico e também psicológico e sim enxergá-la em um contexto mais amplo que é o social, focando no que a criança é na atualidade desde o momento em que nasce e, da sua contribuição na história, como pessoa situada que se relaciona e participa da

vida de maneira efetiva dando a ela várias contribuições, conceito antes pouco abordado por pesquisadores. (WERLE, 2017. p.240).

Deste modo, é de extrema importância que os educadores e demais profissionais que tem a responsabilidade de cuidar e educar os bebês e as crianças em diferentes contextos, como é o caso das instituições de educação infantil, tenham a compreensão de como a infância vem sendo contextualizada pelos diversos pesquisadores na atualidade, e quais são os modos de pensar a respeito dessa faixa etária. De acordo com Mariano (2015, p.24):

Para se compreender o universo infantil dentro de um contexto social que é a Instituição de Educação Infantil, faz-se necessário esclarecer inicialmente o conceito de infância e criança, ou seja, quem é este sujeito do qual se está a discorrer, como é recebido e educado por esta Instituição. Entender a criança para além de seus aspectos biológicos e psicológicos, mas também em suas relações e seu contexto histórico é entendê-la como um ser humano mais próximo de sua totalidade. Assim, alguns dos pressupostos da Sociologia da Infância deram subsídios iniciais para a compreensão da criança como ser inserido em uma sociedade.

Os trabalhos pedagógicos que não respeitam as infâncias em sua inteireza e ainda as preconizam como seres não competentes, não oportunizam a elas o direito a uma ampla participação. Seguem ancorados na crença de uma pedagogia tradicional e adultocêntrica que pensa a criança como um ser que precisa ser preenchido, mesmo diante de todas as contribuições atuais dos novos paradigmas educacionais que defendem outra forma de conceber a educação e colocam as crianças e todos os sujeitos envolvidos como partícipes e ativos do processo. Oliveira-Formosinho (2007, p.27) sobre a pedagogia da participação:

No âmbito de uma pedagogia da infância transformativa, preconiza-se a instituição de um cotidiano educativo que se conceitualiza a criança como uma pessoa com agência, não á espera de ser pessoa, que lê o mundo e o interpreta, que constrói saberes e cultura, que participa como pessoa e como cidadão na vida da família, da escola, da sociedade. No centro da construção dos saberes estão às pessoas, as crianças e os adultos, os alunos e os professores. Assim, os “ofícios” de aluno e professor são reconstruídos com base na reconceitualização da pessoa como detentora de agência: a pessoa do aluno e a pessoa do professor.

Vários teóricos que se voltaram a estudar uma pedagogia para infância ao redor do mundo foram inovadores em seus modos de pensar a criança e a prática pedagógica, que passaram a exigir de todos os envolvidos nos processos educacionais que se inspiram em suas pedagogias um movimento de desconstrução dos modelos nos quais a figura do adulto é transmissor e detentor do conhecimento, pois partem do princípio de que a criança é portadora do amplo direito a participação, são livres para compartilhar seus saberes, pois

são altamente dotadas de conhecimento. Conforme menciona Oliveira-Formosinho (2007, p. 15):

[...] Dewey, nos Estados Unidos, Freinet, na França, Malaguzzi, na Itália, Paulo Freire, no Brasil, Sérgio Niza, em Portugal, são somente alguns exemplos de pedagogos que procuraram modos alternativos de fazer pedagogia e, para tal, necessitaram desconstruir o modo tradicional.

Dentre os estudiosos da infância que no século passado já se debruçaram sobre o pensar uma pedagogia para a infância pode ser destacado o pedagogo alemão Friedrich Froebel (Oberweißbach, 21 de abril de 1782 -Schweina, 21 de junho de 1852), que concebeu a educação como partilhada entre as crianças e adultos que com ela se relacionam, o que remete a ideia de que as criança tem muitas coisas para ensinar para os que com elas convivem. A criança neste sentido não é colocada em um status de inferioridade mediante a figura do adulto, como se nada tivesse a oferecer, mas sim é dotada de imensa potência igualmente a ele. (KISHIMOTO, PINAZZA, 2007).

Essa pedagogia na época já prezava pela participação efetiva da criança em todo o processo de ensino aprendizagem, dando grande importância ao brincar, à criatividade e à ludicidade que necessita estar presente como cerne nas propostas com os bebês e crianças, e que demonstra que a infância merece e deve ser respeitada. De acordo com as autoras Kishimoto e Pinazza (2007, p. 60):

Um pedagogia da infância que valorize a atividade e a participação criativa da criança e considere o brincar como essencial no plano curricular e metodológico não pode prescindir dos pressupostos filosóficos de Froebel. Embora seu simbolismo exarcebado seja inadequado, não se pode negar o caráter inovador e humanista das idéias froebelianas a respeito da natureza da criança pequena e das práticas educativas.

Outra pedagogia muito importante que demonstrou uma forma singular e respeitosa de se pensar a infância foi a do pedagogo Loris Malaguzzi (Correggio, 23/02/1920 – Reggionell' Emilia, 30/01/1994), que reconhece a criança como um indivíduo dotado de agência, capaz de explorar, de realizar suas próprias investigações sobre o mundo e no mundo e descobrir , atributos estes da criança que protagoniza, e que são possuidores das mais diversas linguagens pelas quais se expressam e experenciam o mundo. (FARIA, 2007).

A ideia de uma criança que não tem competência já está ultrapassada, pois muitos estudos foram realizados em relação à infância comprovando que ela é ativa e protagonista nos mais diversos espaços em que está inserida, portanto, deve ser afastada de uma visão de

mero aprendiz, pois a criança desde tenra idade tanto ensina como aprende e é altamente capaz de fazer escolhas, como afirma a educadora musical Beatriz Ilari (2013, p. 114):

Esse é um mito que precisa ser derrubado rapidamente, porque eles carrega em si uma ideia ultrapassada; a ideia da criança como um adulto incompetente em miniatura - conforme discutido por muitos pesquisadores no livro organizado por Mary Del Priori (2002), História das crianças no Brasil. Além disso, as crianças desenvolvem o senso estético desde cedo, e segundo Gardner, por volta dos oito anos já têm o senso estético tão bem desenvolvido que se tornam críticos ferrenhos!

Reconhecer as crianças como sujeitos agentes e não desvinculadas de seus contextos faz parte de uma pedagogia respeitosa que sabe que os modos de viver esse período são diversos, e que é necessário o conhecimento de todo o mundo que as cerca para entendermos suas infâncias e melhor conhecê-las.

Assim sendo, é urgente a participação das crianças dentro das instituições de ensino como agentes e produtoras de cultura a fim de ir descaracterizando visões que ainda insistem em pensá-las como um ser menor, mas corroborar para demonstrar que desde bebês já somos pessoas em atividade, que vamos alterando os espaços e transformando o mundo com nossa presença e nossos saberes.

#### **4.2 Possibilidades de trabalho com a linguagem musical na infância.**

*“Que sentido teria a vida sem os poetas,  
os artistas, e quiçá, com licença poética, os loucos!  
Talvez não seja demais dizer que, através deles muitas vezes  
as pessoas são inspiradas a ultrapassarem seus limites,  
caminharem por novos lugares e pensarem o que  
sozinhas nunca pensariam. O inusitado!”*

*Fabiana Leite Rabello Mariano (2015, p.106)*

A música tem um importante papel em nossas vidas e muito tem se refletido sobre ela, mas pensar sobre essa linguagem é buscar o entendimento que as diferentes culturas humanas possuem modos característicos e diferenciados de com ela relacionar-se. Conforme afirma a educadora musical e escritora Nicole Jeandot (1990, p.12):

O conceito de música varia de cultura para cultura. Embora a linguagem verbal seja um meio de comunicação e de relacionamento entre os povos, constatamos que ela não é universal, pois cada povo tem sua própria maneira de expressão, através da palavra, motivo pelo qual há milhares de línguas espalhadas pelo globo terrestre.

Além do conceito de música e os modos de relação divergirem culturalmente, torna-se muito interessante refletir sobre a ocorrência das manifestações musicais realizadas pelo ser

humano. Por isso, pesquisadoras como Prudêncio (2008) realiza pontuações a respeito dessa temática:

De acordo com alguns historiadores, não existe nada que comprove as primeiras manifestações musicais feitas pelo homem, alguns cientistas baseiam-se na vida do homem primitivo, mas não existe nenhuma exatidão de quando os primitivos começaram a explorar a arte do som. Ao que se sabe da história, os homens das cavernas consideravam a música como uma manifestação religiosa, uma forma de reverenciar a um deus desconhecido, agradecendo a caça, a fertilidade dos homens, etc.[...]. (PRUDÊNCIO, 2008, p.13).

A educadora musical Teca Alencar de Brito (2003) menciona que de uma forma ou de outra todas as pessoas se relacionam com a música, seja de modo altamente utilitário ao ouvir músicas variadas nos diferentes ambientes, cantando alguma música que apreciamos ou aquela canção chiclete que não sai da nossa cabeça que nos motiva a acompanhar seu ritmo com movimentos corporais, dançando algum gênero musical preferido, tocando instrumentos, inventando composições em épocas de meninice ou para fazer dormir os filhos.

Ao pensarmos em nossas relações com o mundo sonoro podemos afirmar que essa relação ocorre desde o ventre materno, pois mesmo antes de nascermos nos encontramos envoltos em um mundo repleto por sonoridades diversas advindas do exterior e interior, já que nosso próprio corpo produz sons característicos, como afirma Ilari (2013, p.33):

Mas voltemos ao começo de tudo. Ao contrário do que muita gente pensa, o útero materno não é silencioso. Trata - se de um local barulhento, em que há grande mistura de sons, internos (como batimentos cardíacos, sons intestinais e outros órgãos, da voz materna e até mesmo da placenta) e externos (gente falando, buzinas de automóveis, TV, música). Por volta do quinto ou sexto mês de gestação, o sistema auditivo da maioria dos fetos já está em funcionamento.

Conforme os estudos da Arte educadora Margareth Darezzo (2004) o coração da mãe tem papel muito importante em relação ao contato do bebê com o mundo externo, pois o coração um dos órgãos essenciais do corpo humano através de seu próprio ritmo dá sinais de como está o estado desta mãe, e conforme suas batidas, se normais ou mais aceleradas mandam sinal ao bebê que algo diferente pode estar ocorrendo, e logo os hormônios produzidos, como a adrenalina passam a ser reforçadores na transmissão da mensagem.

Desde muito cedo já vamos iniciando relações com os sons por meio da rítmica da vida vindas pelos sons do corpo da mãe e das sonoridades do mundo, e mais adiante pela própria cultura, pelos cantos que nos são entoados com as diversas finalidades que vão nos inserindo no mundo musical. Jeandot (1990) comenta que os acalantos perpassam todas as civilizações, que deles se utilizam para acalantar, acalmar e fazer o bebê dormir. O mundo

sonoro continua a ser apresentado aos bebês ao nascerem e as crianças ao longo da infância através dos vários sons que os rodeiam, como afirma Mariano (2015, p.18):

Os sons, a entonação vocal e os gestos são elementos que fazem parte da comunicação inicial do ser humano, e estão intimamente ligados à música. Através das canções entoadas aos bebês promove-se o acolhimento, a demonstração de afetos, e cria-se um ambiente favorável para se estabelecer vínculos positivos, essenciais para o desenvolvimento psicológico e social do bebê.

Em relação ao reconhecimento das vozes pelas quais os bebês vão estabelecendo e fortalecendo cada vez mais os vínculos, como é o caso das vozes de suas mães, Ilari (2013) pontua que os bebês não somente são capazes de realizar o reconhecimento das vozes que lhes são familiares, como o seu som passa a ser predileção dos pequenos durante um bom período da infância, o que vem demonstrar a alta competência dos bebês e das crianças pequenas no que se relaciona à música. Existe então a partir do reconhecimento sonoro e predileção, a percepção da identidade sonora (timbre) o que comprova mais uma vez a competência presente na infância.

Cada som possui características próprias que os diferenciam dos demais, portanto, os sons das diferentes vozes, dos materiais, dos instrumentos se divergem pelas diferenças as quais denominamos de timbre. Neste aspecto Brito (2003, p.19) afirma que:

**TIMBRE-** É a característica que diferencia, ou “personaliza”, cada som. Também costumamos dizer que timbre é a “cor ” do som; depende dos materiais e do modo de produção do som. Exemplos: o piano tem seu próprio timbre, diferente do timbre do violão; a flauta tem um timbre próprio, assim como a voz de cada um de nós.

Os sons que chegam até os nossos ouvidos são mediados por pessoas ou outras fontes sonoras, os bebês e as crianças pequenas desde tenra idade amam fazer barulhos, ouvir sonoridades diferenciadas, e tendem a gostar muito de música, e isso é percebido pela alta receptividade em relação a esta, através da grande motivação para realizar movimentos corporais perante a oferta dos sons musicais. A este respeito, Jeandot (1990, p.19) afirma:

As crianças gostam de acompanhar as músicas com movimentos do corpo, tais como palmas, sapateados, danças, volteios de cabeça, mas, inicialmente, é esse movimento bilateral que ela irá realizar. E é a partir dessa relação entre gesto e som que a criança – ouvindo, cantando, imitando, dançando – constrói seu conhecimento sobre música, percorrendo o mesmo caminho do homem na exploração e na descoberta dos sons.

A voz humana é um dos instrumentos mais significativos no que diz respeito à musicalidade, pois tudo parte dela, até mesmo quando os bebês ainda não aprenderam a



língua da cultura da qual fazem parte, já se comunicam por meio de balbucios e através de seu próprio corpo, pois os movimentos corporais são uma das principais formas de explorar o mundo, tanto pela voz em seus balbucios e pelo corpo também vão ampliando seu conhecimento musical. Sobre isto, Siufi (2018, p.79), afirma:

Compreendemos que a expressão da musicalidade infantil parte da voz, pois é através de seus primeiros balbucios que a criança brinca com os sons produzidos pelo seu aparelho fonador, testando diferenças de intensidade e altura, explorando todas suas possibilidades. Esta exploração sonora se integra à atividade sensório - motora onde o corpo se torna mais um componente que participa do descobrimento do entorno sonoro-musical, em que a criança investiga possibilidades sonoras na ação de gestos e movimentos sobre os objetos. Sob a concepção de que música e movimento corporal são indissociáveis, compreendemos que o corpo pode também se tornar tanto um instrumento natural para o estudo do ritmo como fonte de expressão simbólico-musical em uma relação som-movimento.

Dada a importância da voz para ampliação do conhecimento musical dos bebês, crianças e dos adultos, a educadora musical Berenice de Almeida (2014) defende que as atividades de canto não sejam esporádicas, mas que a escola participe ativamente do resgate das atividades de canto e comece a trabalhá-lo de forma mais efetiva. Para tanto, é preciso que essas atividades comecem desde a educação infantil e possa ir prolongando-se como uma prática durante todo percurso de escolarização. Deste modo, talvez o ato de cantar acabe por se tornar habitual e se estenda para a vida dos sujeitos e as propostas com canto não fiquem restritas somente ao interior das próprias escolas, mas alcancem o meio social.

Brito (2003, p.35) afirma que os bebês e as crianças estão em constante interação com o mundo sonoro no qual estão envolvidos, e neste caso também com a música já que ela está presente na vida de todos seres humanos de diferentes modos, como: ouvir, cantar e dançar. Deste modo, podemos oportunizar para que a musicalização dos bebês ocorra de forma espontânea através do contato com uma variedade de sons que os rodeiam e das músicas. Nesse sentido isso nos faz refletir sobre a relevância das diferentes cantigas populares, das canções de ninar e de roda, pois é por meio das relações que se estabelecem, que se desenvolve um repertório capaz de lhes permitir a comunicação pelo som. Esses momentos contribuem para o desenvolvimento infantil e corrobora para o fortalecimento de vínculos com as pessoas que interagem.

É importante quando falamos de música a oferta de uma diversidade de sonoridades pelas canções que podem ser cantadas pelas pessoas que cuidam e educam os bebês e as crianças, pois aos poucos se possibilita a ampliação de sua escuta. Imersos em um contexto

musical os bebês vão construindo os conhecimentos musicais, desenvolvendo sua própria forma de comunicar e se expressar, conforme afirma Darezzo (2004, p.27):

Oferecer ao bebê um universo sonoro variado é o mesmo que oferecer todas as cores para uma criança pintar. Saber que existem muitas notas, que as regiões e tessituras são infinitas, dá à criança uma possibilidade maior de percepção e expressão no seu desenvolvimento, um repertório mais rico a ser explorado e conhecido. É familiar ao recém-nascido a alteração de altura (grave/agudo), o que torna o cantar um estímulo eficiente, principalmente vindo da mãe (ou cuidador). Música e poesia vêm suavizar e colorir a voz da mãe e/ou cuidador que chega ao bebê precocemente, estimulando nele respostas e comunicação.

O lúdico é de suma importância nas propostas infantis, bem como nas atividades envolvendo música, porque além de ser muito prazeroso, corrobora de modo significativo para o seu desenvolvimento. Em relação as experiências musicais é aconselhável que sejam realizadas de forma lúdica. Mariano (2015) declara que na primeira infância é aconselhável que o trabalho seja repleto de canções, brincadeiras que podem ser cantadas e passe pela escuta de bons repertórios. É importante também que as crianças não sejam tolhidas em seus modos de se expressar e explorar, possam realizar movimentos de modo livre e cantar a fim de experienciar a linguagem musical.

Em relação aos trabalhos com a música, tão importante quanto a diversidade de propostas que podem ser oportunizadas, é necessário não esquecermos de incluir o silêncio nas experiências com os pequenos, pois do mesmo modo que o som, o silêncio, a pausa, é também essencial no que tange à aprendizagem musical. Neste sentido Parizzi e Rodrigues (2020, p.60) pontuam:

O silêncio – a tela do músico – é igualmente de uma importância extrema. O silêncio é tão importante quanto o som, silêncio e som são complementares. O silêncio deve ser incluído nas experiências musicais da criança. O silêncio é a “casa da música”.

Muitos estudiosos se debruçaram e continuam a se debruçar sobre a musicalização infantil e a aprendizagem musical da criança, o que comprova a grande relevância dessa linguagem na vida do ser humano e da necessidade que sejam oportunizados os acessos necessários. Dentre os teóricos que estudam sobre as questões de aprendizagem musical e como ela se dá na infância, podemos destacar a abordagem de Edwin Gordon estudada pela pesquisadora Malba Cunha Tormin (2014, p.65), que pontua:

Na abordagem teórica de Gordon, ele estabeleceu uma Teoria da Aprendizagem Musical, na qual os processos de aprendizagem são observados a partir de uma estrutura sequencial de desenvolvimento.

É importante assinalar que Gordon foi influenciado por Bruner ao elaborar uma teoria de aprendizagem musical integrada a uma teoria de instrução (ensino), representada em uma sequência de aprendizagem musical. Quando Gordon apresenta uma teoria e uma sequência de aprendizagem ele remete a Bruner, isto é, uma teoria de como os bebês e as crianças pequenas aprendem música e uma teoria de como criar estratégias sequenciais para o ensino musical infantil.

Outros (as) pesquisadores (as) realizaram aprofundamentos sobre essa teoria demonstrando que há grande interesse no processo de aprendizagem musical de bebês e crianças pequenas, e que todos somos dotados da capacidade de aprender música, o que remete a fazer uma conexão com a palavra competência que já está presente em nós antes e depois do nascimento.

Gordon estudou os caminhos que favorecem este aprendizado e o que está envolvido nesta ação e um de seus pressupostos que ressoam com os valores pontuados nesta pesquisa é a sua crença na aptidão musical como uma capacidade inerente ao ser humano. Todos somos seres musicais, guardadas as singularidades dos indivíduos, mas todos providos desta capacidade. Nesta linha de pensamento, a música pertence a todos e estes devem ter acesso a ela, no sentido de apreendê-la, enquanto uma possibilidade de comunicação e expressão. (MARIANO, 2015, p.60).

Nesse sentido as experiências que são proporcionadas à crianças desde a sua mais tenra idade tem um imenso valor para o desenvolvimento musical, pois essa relação com a música começa na infância e precisa de continuidade, os pais, os responsáveis e os (as) educadores(as) podem colaborar para este processo ao promover mediações que possam ser significativas, pois todos nós aprendemos música, e assim podemos compreender o que é criado e sermos produtores(as) de nossas próprias criações, como defendem as autoras Parizzi e Rodrigues (2020, p.46):

O contato precoce com a música cria condições para que a criança venha compreendê-la e seja capaz de comunicar as suas próprias “idéias musicais”, expressando-se de forma autônoma e independente. Uma aprendizagem musical de qualidade deve permitir que compreendamos não apenas as “histórias musicais dos outros”, mas também que possamos “contar as nossas próprias histórias”.

De acordo com Tormin (2014) a vivência musical para a criança, em geral, é extremamente agradável e natural. De acordo com a faixa etária os modos de interagir com a música vão se modificando com o decorrer da idade, pois um bebê se comporta de forma diferente aos sons do que uma criança um pouco maior, mas é relevante que a música seja trabalhada nas instituições de ensino não como mero entretenimento, mas que seja valorizada

como uma área que faz parte das linguagens artísticas, portanto, como área do conhecimento, como enfatiza Tormin (2014, p.106):

Ela aprende novos conceitos e desenvolve diferentes habilidades e a criatividade, melhora a comunicação, a coordenação motora e a memória. Nos primeiros anos de aprendizagem musical, a criança torna-se mais atenta ao universo sonoro de um modo geral e desenvolve uma atitude de ouvinte, que é muito importante para a apreciação musical e para o relacionamento pessoal. Por isso, a música não pode estar desconectada do processo de ensino-aprendizagem na Educação Básica. E mesmo nos dias atuais, com toda evolução tecnológica, nada substituirá as cantigas de roda, os jogos musicais, parlendas, atividades que simbolizam a infância pela sua sensibilidade e afetividade que contribuem para o desenvolvimento pleno da criança.

Dentro das creches e escolas infantis ainda é rotineiro que a música seja negligenciada ou trabalhada de uma forma menor, pois normalmente não são seguidos planejamentos e nem se elencam objetivos para o trabalho com essa linguagem com bebês e crianças pequenas, e vemos a música ficando sempre a cargo de funcionalidades como: entretenimento, princípios utilitários e outros. Tormin (2014, p. 109) aponta para esse problema:

Já nas creches e pré-escola, normalmente as professoras não têm nenhum planejamento de atividades musicais e nem seguem algum modelo pré-determinado. A música fica em um plano secundário, como mais um elemento de interação, ou seja, usada para determinados fins de ordem utilitária (como fazer fila, em datas comemorativa) ou ainda como pano de fundo de outras atividades e recreação. Em ambos os casos, há limitações quanto à continuidade sequencial de um processo de aprendizagem musical, mas não deixando de considerar os benefícios que estas atividades trazem também às crianças, principalmente nos aspectos afetivos e sociais.

Muitas vezes a falta de oportunidades de conhecimentos aprofundados acerca da musicalização infantil e desenvolvimento dos bebês e crianças pequenas ainda dificulta para que o trabalho pedagógico com a música seja mais significado, pois os (as) educadores (as) não tendo esses conhecimentos teóricos que sustentem sua prática, não sabendo fazer uma mediação efetiva, corroboram para que as rotinas continuem a se repetir todos os dias de maneira empobrecida, com práticas baseadas em pensamentos engessados sem reflexão crítica.

O desconhecimento do que se necessita para ser um bom mediador na musicalização infantil, como por exemplo: ter o conhecimento das bases neuropsicológicas envolvidas, dos estágios de desenvolvimento musical, das competências e habilidades a serem desenvolvidas, da sistematização e sequência de atividades musicais, entre outras, faz com que tanto a formação quanto a atuação nesta área seja empobrecida por atividades repetitivas que não são propiciadoras de desenvolvimento infantil. E nem sempre o fato de se ter esporadicamente atividades de música na escola ou de se considerar

que apenas a música do meio social, onde a criança vive, seja suficiente para uma aprendizagem musical – em termos de compreensão e desenvolvimento musical.[...]. (TORMIN, 2014, p.176).

Uma proposta muito interessante para ser realizada com as crianças são as sonorizações de histórias, pois por meio de obras literárias que contenham imagens diversas, como a de animais pode-se brincar com os sons vocais e sonorizar, mas é necessário que o ambiente contribua para essa atividade musical. Os(as) educadores(as) serão para as crianças uma referência, no que tange a uma boa utilização da voz, portanto, precisam estar sempre atentos para desenvolver bons hábitos, como: não gritar, não cantar de forma muito forçada, e além do mais é importante o conhecimento da melhor região para que as crianças possam acompanhar. É necessário também ter atenção permanente às vozes da sua própria turma, pois ali podem ser identificados problemas que podem requerer investigação: como os que têm a voz rouca, que tem hábito de falar ou cantar gritando, ou ainda costumam forçar frequentemente a voz. (ZANCHETTA, 2004 p.16).

Os instrumentos musicais costumam ser uma proposta interessante para trabalhar com as crianças. Segundo Jeandot (1990), no que se refere a construções de instrumentos musicais, é muito valoroso para a criança explorar algo que foi construído por si mesma, e geralmente isso tende a despertar nelas uma motivação para a exploração, pela ligação pessoal e participação no processo, e acaba demonstrando também que os instrumentos alternativos têm tanto prestígio quanto os comprados, que nem sempre temos os recursos necessários para sua aquisição.

Concordando com Jeandot (1990) em relação à exploração de instrumentos alternativos. Prudêncio (2008) segue defendendo que a música é uma linguagem ampla e nos dá margens a diferentes modos de refletir sobre ela, como a exploração dos sons com instrumentos do nosso cotidiano, como: panelas, garrafas, tubos, entre outros. O trabalho com a música pode ser feito de diversas formas: com a voz, próprio corpo, instrumentos convencionais comprados, instrumentos alternativos feitos de sucata. Deixando fluir a criatividade e estando abertos para experimentações diversas, podem acontecer investigações sonoras, conforme afirma Siufi (2018, p.52):

A exploração sonora a partir de objetos, materiais e instrumentos musicais abre possibilidades para experimentações e criações musicais. Neste sentido, acreditamos que a primeira infância seja o momento mais propício para que se proporcionem momentos de investigação sonoro-musical.

No trabalho com a música nas instituições de Educação Infantil podem ser oportunizadas propostas diversificadas. Em relação a explorações sonoras e construção de instrumentos, é possível construirmos instrumentos com uma diversidade de timbres a partir de materiais de sucata. Um dos exemplos trazidos por Brito (2003, p.76) são os chocalhos feitos a partir potes de plástico, latas, caixas de papelão, madeira, garrafas pet ou qualquer objeto que possam ser colocados diferentes tipos de grãos, conchas, botões em seu interior para que produzam sons diversos, se atentando para que não representem perigo as crianças.

O corpo é muito importante na aprendizagem, pois as crianças comunicam se por ele. Quando se trata de música não é oportuno fazer qualquer desconexão corporal, pois ele está de modo intrínseco ligado as formas como nos expressarmos. Conforme a pesquisadora Medina (2017) as escritas corporais dos corpos infantis fazem parte do processo de ensino - aprendizagem, e a corporeidade vai sendo expressa na cotidianidade em situações de brincadeiras com o corpo. A família e instituições escolares precisam refletir de modo profundo sobre a corporeidade e colocar em discussão os modelos sociais em relação a este corpo que não contribuem para um desenvolvimento saudável da infância.

As cirandas de roda trabalham muito o corpo em conjunto com o canto e costumam ser muito significativas para as crianças, portanto, esse tipo de proposta com as crianças é bem interessante, pois além de trazerem muitos benefícios no que se relaciona a algo que pode ser realizado de modo coletivo e entre os pares, também ampliam os conhecimentos musicais em relação a ritmo. Siufi (2018, p.48) defende que:

Partindo da ideia de que a expressão do movimento pode ser considerada como a interpretação da música de forma dinâmica, acreditamos que as atividades em grupo possam ampliar a capacidade de expressão criadora infantil. É na escola, principalmente durante os primeiros anos, que se desenvolvem as primeiras noções de espaço e experiência coletiva e, sendo assim, as brincadeiras de Ciranda de Roda realizadas no ambiente escolar (ou fora dele) podem trazer grandes benefícios na construção de conceitos coletivos tanto sociais quanto espaciais, bem como o desenvolvimento rítmico corporal e o canto em conjunto.

Ao se relacionar com a música as crianças se envolvem de várias maneiras, soltando sua imaginação e usando sua criatividade de uma forma dinâmica. A educadora musical Patrícia Keback (2018, p.17) afirma que as crianças gostam muito de brincar, cantar músicas conhecidas ou improvisadas, manusear objetos sonoros, mas muitas vezes suas explorações nem sempre são compreendidas pelos adultos como sendo processos criativos. Ainda não há uma compreensão por parte dos pais e professores (as) que a partir da experiência a criança aprende a realizar combinações de sons, inventar e improvisar músicas e dar sentido ao

vivido, pois deste modo ela cria novas maneiras de expressar que lhe são próprias e não imitações impostas pelo adulto. Portanto, é de suma importância de importância que os professores (as) estejam conscientes que isso faz parte de aprender música, para que cada vez mais possibilitem que a crianças se desenvolvam de forma lúdica.

Segundo Brito (2003, p.58) as atividades com música nas creches e pré-escolas devem ter propostas que envolvam cantar, interpretar e criar, brincadeiras cantadas, jogos musicais movimento e danças, improvisação, sonorização das histórias, elaborar arranjos, fazer o registro e a notação musical, construções de instrumentos, escuta dos sons e das músicas, apreciações de canções e reflexões sobre as produções e a escuta.

No trabalho com bebês e crianças pequenas nas creches é primordial que sejam modificadas as visões adultocêntricas que ditam a partir somente de suas próprias perspectivas o que para a criança é melhor, mas passem a contribuir para o seu desenvolvimento com foco em trabalhos de aprendizagem mútua, onde ambos, adultos e crianças aprendem e ensinam.

Por uma concepção arraigada muitos (as) educadores (as) ainda podem ter dificuldade de aceitar a criança como um ser participante, mas ao modificarem seus conceitos poderão contribuir consideravelmente para o seu desenvolvimento, e ainda serão parceiros (as) da criança. (SILVA, 2006).

Na creche o trabalho dos (das) educadores (as) necessita ser realizado de forma sistematizada com objetivos, de modo planejado, de forma reflexiva, criativa, entusiasmada, crítica e com muita responsabilidade, proporcionando com que as crianças construam seus saberes.

Penso que a conduta do professor é essencial em todo o processo de aprendizagem. Por exemplo, desenvolver o trabalho musical deve ser criativo, alegre, se envolver com o que faz, estar entusiasmado na mediação das atividades com os bebês e na realização de pesquisas referentes à música. Deste modo, certamente proporcionará às crianças intensidades no desenvolvimento de suas habilidades e na construção de seus próprios conhecimentos. (PRUDÊNCIO, 2008, p.22).

Propostas brincantes são muito satisfatórias, possibilitando às crianças a liberdade para a criação. Siufi (2018) acredita que a partir de diversas formas brincantes se cria, pois todo lúdico dá espaço para que algo novo seja criado, é necessário ter interação, e a busca de desenvolvimento em sentido amplo, proporcionando assim aos sujeitos a sensação de ser totalmente livre para mergulhar em seu eu e entregar -se ao prazer.

### 4.3. Importância do repertório das crianças e das culturas das infâncias

*“Pegamos o telefone que o menino fez com duas caixas de papelão e pedimos uma ligação com a infância.”*

Millôr Fernandes

As produções infantis, incluindo suas músicas, precisam ser respeitadas e reconhecidas como produção de cultura. As crianças criam coisas novas para elas a partir de suas próprias experiências e, por meio delas vão nos contando sobre a própria infância. É por isso que os processos de escuta da criança vão além do ouvir, indo até atitudes docentes que possibilitam a ela “ser”. Assim afirma a educadora musical Kelly Werle (2017, p.240) sobre a escuta:

ouvir as crianças significa partir de sua existência infantil e priorizar o que elas próprias expressam acerca das suas experiências e suas culturas, e não mais, em uma perspectiva adultocêntrica, o que os adultos dizem e afirmam sobre as crianças.

As crianças têm seus modos próprios e singulares de enxergar o mundo e dar-lhe sentido e significado, pois produzem suas culturas por meio das interações e de formas diferentes de viver as infâncias. Baseada na sociologia da infância, a educadora musical Sandra Mara da Cunha (2017) acredita que a cultura produzida pelas crianças lhe são próprias e não há em suma uma cópia da cultura adulta, pois há uma nova constituição desta. E nesse aspecto podemos encontrar a especificidade da infância, pois de um modo singular e autônomo se criam culturas autênticas, conforme vão sendo estabelecidas relações com tudo que as cercam.

Sabendo que as crianças são produtoras de cultura, é necessário que sejam dadas a elas oportunidades para protagonizarem seus aprendizados. Isso faz parte de um direito delas como pessoa e, para que ocorra de forma efetiva é preciso que profissionais da Educação Infantil se apropriem de conhecimentos das pedagogias da infância que falam de modos participativos de educar.

O respeito às culturas das infâncias passa pela compreensão de seus modos de expressão por meio das linguagens e de como é uma necessidade a liberdade para experimentar, criar, batucar e se movimentar para poder criar. A música produzida pelas crianças precisa ser entendida não como barulho ou bagunça, como comumente ocorre em algumas instituições de ensino de educação infantil. São descobertas, experimentações e formas autorais de fazer sons e brincar de música, que vão construindo a musicalidade rumo à constituição de um diferente senso estético e gosto musical. Cunha (2017, p.77) afirma:



É preciso, entretanto, que haja essa abertura por parte dos professores, que eles ouçam essas experimentações e suas possíveis e consequentes invenções como manifestações genuínas das crianças no decorrer de seu processo de construção do conhecimento musical. É necessário ser paciente e conseguir conviver com certo “caos barulhento” que se instala quando as crianças se põe a fazer experimentos musicais.

A linguagem musical, assim como as demais linguagens artísticas é uma área de conhecimento e, portanto, como a música da cultura adulta é reconhecida, a música da infância não pode ser negligenciada e considerada como menor, pois desde que nascemos somos envoltos por um mundo de sons que vão desenvolvendo nossos gostos. Reconhecendo a música como parte da construção das identidades, professores (as) de creches precisam pesquisar sobre as músicas que compõem as paisagens do entorno, do vivencial e do que faz sentido para suas crianças. Além do (da) professor (a) ter um olhar observador para a musicalidade infantil, ele (ela) deve ser capaz de ampliar os repertórios das crianças pela oferta de novas possibilidades de apreciação. Em sua pesquisa a autora Silva (2006) menciona que há profissionais da Educação Infantil que ainda pensam que as crianças pequenas só tem interesse por aquilo que é dado como sendo do universo infantil e acabam limitando a oferta de músicas àquelas que seriam destinadas a “este público”.

Mariano (2015) defende que os bebês e as crianças pequenas necessitam de oportunidade para vivenciar a música e interagirem entre elas ludicamente e com uma qualidade que ultrapasse o que a mídia costuma oferecer, pois considera que a mídia de certo modo têm muitos conteúdos empobrecidos. O empobrecimento musical nada mais é para ela do que “a falta de uma diversidade melódica, rítmica, harmônica e de timbres, que caracteriza as produções destinadas às crianças, e muitas vezes vem a ser o que há de disponível nas Instituições de Educação Infantil”. (MARIANO, 2015, p.68).

Em virtude de posições adultocêntricas ainda é percebida a grande dificuldade de aceitação do bebê e criança pequena como partícipe, e devido a esse fato é recorrente o tolhimento das formas de se expressar que provém dos seus modos de viver suas infâncias e ser criança, trazendo a tona uma visão de criança que provém do passado e que reverbera nos modos de agir, cuidar e educar.

Respeitando modos únicos de expressividade e musicalidade, devemos considerar as questões de pertencimento e identidade também em se tratando do repertório musical que selecionamos para as práticas na creche. Jeandot (1990, p. 20) menciona que:

Música é linguagem. Assim, devemos seguir, em relação à música, o mesmo processo de desenvolvimento que adotamos quanto á linguagem falada, ou seja, devemos expor a criança à linguagem musical e dialogar com ela sobre e por meio da música. Como acontece com a linguagem, cada civilização,

cada grupo social, tem sua expressão própria. O educador, antes de transmitir sua própria cultura musical, deve pesquisar o universo musical a que a criança pertence, e encorajar atividades relacionadas com a descoberta e com a criação de novas formas de expressão através da música.

Silva (2006) acredita que não seja conveniente que professores (as) se pautem somente em gostos particulares para a oferta de repertórios, mas sim, que seja relevante promoverem uma diversidade de escutas para que a musicalização seja significativa. Ampliar os repertórios significa ir além da música infantil e das produções midiáticas do momento, sendo importante que conheçamos as muitas produções da rica cultura brasileira e de outros países, passando também por criações produzidas no bairro, na sua comunidade.

Ter acesso à arte significa ter garantido o direito de acesso aos bens culturais produzidos historicamente pela humanidade. Nas escolas da infância podem ser buscadas oportunidades para o desenvolvimento de trabalhos significativos que vão em direção à democratização das linguagens. Soares (2007) ressalta a importância da escola na promoção do direito das crianças de ter conhecimentos musicais para sua formação crítica. De acordo com ela, se retiramos as possibilidades de ampliação de conhecimentos e do repertório musical das crianças estamos formando indivíduos sem referências que possam torná-los críticos daquilo que ouvem nas rádios, na televisão, no universo sonoro que os envolve.

De acordo com Brito (2003), a cultura popular brasileira e as culturas de outros países são ricas em produtos musicais que podemos e devemos trazer para o ambiente de trabalho das creches e pré-escolas. Ela afirma:

Cada região do nosso país tem suas próprias tradições: bumba – meu – boi, no Maranhão, boi bumbá, no Pará, boi de mamão, em Santa Catarina, o maracatu, em Pernambuco e no Ceará; reisados, congadas, jongo, moçambiques, pastoris, cavalo-marinho, frevo, coco, samba, ciranda, maculele, baião, enfim, um universo de ritmos, danças dramáticas, folguedos, festas, com características e significados legítimos. Mediante a pesquisa em livros, meios audiovisuais e, principalmente, pelo contato direto com grupos, sempre que possível, pelo canto, pela dança, pela representação, estaremos ampliando o universo cultural e musical e estabelecendo, desde a infância, uma consciência efetiva com a relação aos valores da nossa formação e identidade cultural. (BRITO, 2003, p.94).

Mediante a intenção de ofertar acesso cultural e da compreensão de que o brincar deve fazer parte das experiências com música na creche, profissionais da Educação Infantil poderão possibilitar situações pedagógicas de criação de culturas pelas próprias crianças, que por meio do jogo, recriam aquilo que lhes é dado.

## 5. CAPÍTULO IV. Análise das observações em campo.

Neste capítulo analiso as observações de campo realizadas em uma creche localizada em Salto de Pirapora, S.P de 2018 a início de 2020, à luz do referencial teórico estudado. Durante a experiência como monitora escolar nesta creche, tive como função auxiliar os (as) professores (as) regentes, cuidar e educar os bebês e crianças pequenas e tive a oportunidade de observar, planejar e realizar práticas de musicalização com as crianças, tais como: brincadeiras musicais, canto, cirandas de rodas e exploração de instrumentos musicais. As propostas musicais foram registradas em meu Diário de Campo e, para a escrita deste trecho do trabalho, foram selecionadas quatro situações analisadas a seguir.

### Cantando com as crianças na creche.

*Maio/2018. Seguindo o calendário das datas comemorativas esse é o mês das mães.*

*Como é de costume nos foi solicitado fazer alguma homenagem para as mães envolvendo música. As educadoras de cada turma escolheram uma música para ensaiar com suas turmas, mas algo que muito me despertou a atenção foi o trabalho realizado pela professora do Maternal 2, cuja sala fica ao lado da turma na qual eu trabalho. Ela sugeriu para o seu grupo de crianças que cantassem em coletivo uma canção denominada “Flor lindona”, de Rogério Azevedo e, ao invés de utilizarem coreografias como é rotineiro, ensaiando exaustivamente por dias a fio, se prezou pela integração, pelo que é realizado em conjunto, pelo trabalho com as vozes, onde cada uma das crianças com uma rosa confeccionada nas mãos a seguravam para entregarem as mães ou responsáveis ao final da apresentação. As crianças cantaram lindamente com sua professora e a monitora e em nenhum momento aparentavam estar fazendo algo que lhes fora imposto e que desrespeitasse os seus modos de ser criança. Admiro as pessoas que trazem dentro de si a coragem e a ousadia de ir tentando quebrar as normas do sistema, transgredir, escolhendo formas diferentes de seguir, percorrendo outras possibilidades e direcionando seus passos para novas formas de caminhar.*

*(Diário de Campo de Claudineia Martins da Silva Leite. 09/Maio/2018).*

Observo que ainda é comum que os trabalhos com música na creche não prezem por processos de construtividade coletiva. A construção em grupo demonstra um grande respeito pelas infâncias, mas de modo contrário, as práticas pedagógicas musicais ainda permaneçam no campo das repetições, imitações, mecanizadas e totalmente desconectadas de toda potência

que as linguagens artísticas poderiam trazer. Sobre o problema das apresentações para data comemorativas, Medina (2017, p. 275) comenta:

Não é difícil coletar alguns discursos de jovens sobre suas experiências, quando as tiveram, na escola. Uma parte significativa relata o uso de coreografias prontas a fim de atender as datas específicas, que são comemoradas pelas escolas, como, por exemplo, o dia da água, das mães, do índio e a tradicional quadrilha da festa junina. Certamente as professoras que trabalham com as crianças e precisam atender tais demandas da escola, muitas vezes, não percebem o que realmente se dá com a dimensão expressiva das crianças. Passar uma coreografia pronta sem dúvida é bem mais fácil do que construir junto com as crianças, mas ao convidá-las a realizar uma elaboração de forma conjunta, as crianças sentem-se integradas ao processo, criando vínculo com aquilo que realizam, porque o que é construído tem parte delas, tem parte de sua identidade.

Ao dar um passeio pelos fios de minhas lembranças, reflito sobre a cena do meu Diário de Campo e hoje, no ano de 2020, acredito que muito embora o canto tenha feito parte de uma apresentação das mães, um dos objetivos da professora era trabalhar com as vozes infantis por meio do canto em conjunto, trazendo um modo de fazer pautado na união e ancorado em uma crença de competência de que toda criança pode e tem o direito de estabelecer relações com o mundo da música. O canto foi sendo pensado de um modo mais humano e coletivo.

Vários autores tratam da importância de cantar no processo de Educação Musical e indicam motivos para que esta ação seja constantemente trabalhada. Almeida (2013, p.106) afirma que:

A voz é nosso primeiro instrumento musical, podendo se transformar em um verdadeiro meio de expressão. Descobri-la através de jogos musicais, improvisações e do simples cantar é prazeroso e fundamental para qualquer formação musical.

Cantar é um eficaz meio de desenvolvimento da percepção auditiva, da afinação e da musicalidade.

A educação musical através do canto é adaptável a qualquer contexto socioeconômico, já que o material necessário para cantar é o nosso próprio corpo.

Cantar em grupo exige que o aluno se ouça, ouça o outro e o grupo como um todo. Essa atividade auxilia no desenvolvimento da atenção, da concentração e do espírito de coletividade.

Em relação à competência musical, a pesquisadora Henriques (2018) menciona como um aspecto essencial para o desenvolvimento musical infantil, a crença na capacidade de que todos nós temos de nos relacionar com a música, podendo nos expressar segundo nossas próprias singularidades, contrariando a ideia de talento ou dom musical. A pesquisadora defende o direito a aprender e fazer música, seguindo o pressuposto de uma Educação Musical que dá o direito de acesso a todos os indivíduos.

Esse episódio de apresentação com as crianças para o dia das mães me fez observar o quanto ainda é rotineiro na Educação Infantil o uso da música voltado a diversos propósitos que se distanciam da música como linguagem, conhecimento e cultura. Se usa a música a serviço de algo, como para ensinar regras, para entretenimento em festinhas, perdendo toda riqueza que pode advir da música no trabalho pedagógico com as crianças. Sobre isto, Brito (2003, p.51) menciona:

Ainda percebemos fortes resquícios de uma concepção de ensino que utilizou a música – ou, melhor dizendo, a canção – como suporte para aquisição de conhecimentos gerais, para a formação de hábitos e atitudes, disciplina, condicionamento da rotina, comemorações de datas diversas etc. Os cantos ( ou “musiquinhas ”, como muitos ainda insistem em dizer ) eram quase sempre acompanhados de gestos e movimentos que, pela repetição, torna – se mecânicos e estereotipados, automatizando o que antes era – ou poderia vir a ser – expressivo. A música, nesses contextos, era apenas um meio para atingir objetivos considerados adequados á instrução e á formação infantis.

Medina (2017) discute a utilização da música para o cumprimento de calendário, quando nas festividades a música é abordada de modo mecanizado, por meio de repetições, cópias, reprodução e a participação das crianças em todo processo é submetida às escolhas dos adultos. Os ensaios para atender aos calendários continuam a representar muita preocupação em creches e escolas, pois a preocupação com o produto final cria práticas desgastantes e massacrantes para as crianças que se limitam a decorar, perdendo a oportunidade de se trabalharem projetos significativos. Conforme explica Brito (2003, p.52):

Outro “complicador” diz respeito ao caráter de espetáculo que frequentemente ronda o trabalho musical: dedica – se muito tempo a ensaios para a apresentações em comemorações diversas que até mesmo excluem os alunos considerados desafinados, “sem voz”, “sem ritmo” etc. Ainda hoje existem escolas de educação infantil que iniciam os ensaios para a grande festa junina no mês de abril, reduzindo a isso as atividades da área de música durante todo decorrer do semestre. E nem ao menos se desenvolvem projetos de pesquisa, de criação, de integração com outras áreas do conhecimento: cada classe limita - se a ensaiar – exaustivamente – o canto e a dança que irá apresentar no mês de junho!

Observo que a música na creche é frequentemente utilizada para criação de hábitos nos bebês e nas crianças e como comando para conduzir a rotina, para levar à condução de respostas automáticas, de como fazer algo, o que fazer, que horas fazer. A linguagem musical é ancorada em trabalhar condicionamentos a determinados comportamentos e o trabalho com a música em si não ocorre, como afirma Keback (2018, p.31):

Canção para lavar as mãos, para lanchar, para guardar brinquedos são corriqueiramente executadas. A música, nesse momento, ajuda a memorizar ações, a condicionar comportamentos, a desencadear automatismos. Em uma

aula de ciências, as crianças irão memorizar as partes do corpo com uma canção, e os gestos nos lembrarão de que “cabeça fica acima dos ombros, de que estes ficam acima dos joelhos e dos pés.” Em geral, a participação da música nessa sala de aula é sempre de apoiar ou complementar a aprendizagens de outros conteúdos, que não musicais, e a memorização de condutas. O professor não está preocupado, nesse momento, com a qualidade do cantar ou a desenvoltura rítmica dos alunos para acompanhar com palmas a canção. Sua intenção será o enriquecimento de conteúdos diversos de maneira a transformar a aprendizagem em algo estimulante.

Trabalhos musicais com as crianças que são meramente imitativos, repetitivos e que não focalizam na participação infantil ainda são comuns. Vejo a música desvinculada de objetivos que condizem com a significância da arte como criação, exploração, que respeite o que as crianças trazem no sentido de repertório e seus interesses em aprender. Brito (2003, p. 52) menciona que:

[...] continuamos apenas cantando canções que já vêm prontas, tocando os instrumentos única e exclusivamente de acordo com as indicações prévias do professor, batendo o pulso, o ritmo etc, quase sempre excluindo a interação com a linguagem musical, que se dá pela exploração, pela pesquisa e criação, pela integração do subjetivo e objetivo, de sujeito e objeto, pela elaboração de hipóteses e comparação de possibilidades, pela ampliação de recursos, respeitando as experiências prévias, a maturidade, a cultura do aluno, seus interesses e sua motivação interna e externa.

As propostas com a música são realizadas sem planejamento para que possa ocorrer de modo progressivo afetando o conhecimento sobre música e o entendimento da valorização das áreas das linguagens artísticas. Tormin (2014) vem afirmar que em creches e escolas de educação infantil é comum os professores (as) não terem um planejamento e não seguirem princípios no que diz respeito a propostas e currículo. A música geralmente fica a serviço de outros objetivos, como: interação, utilitário e recreativo. Nesses casos acaba se tornando um dificultador, pois costuma não haver uma sequencialidade para uma aprendizagem musical.

A oportunidade de ver as crianças cantando com alegria me fez refletir sobre a música como um elemento que motiva para a comunicação e a expressão de si prezando por uma musicalização infantil que não fique à mercê de modelos que ofusquem o senso crítico que pode ser estimulado através da experiência desde tenra idade.

### **Descobrimo o interesse e as capacidades musicais dos bebês.**

*Durante esse mês (julho de 2018) cobri férias no berçário 1. Alguns/Algumas funcionários (as) da creche têm o hábito de dizer que a sala dos bebês é lugar de silêncio. Mas para mim todo lugar é lugar de música, independentemente da faixa etária. Então, em uma manhã, eu e uma estagiária estávamos responsáveis pelos*

*cuidados dos bebês e decidimos fazer uma brincadeira de cantigas por meio de uma caixinha da qual se retiravam imagens de animais, frutas ou objetos. Depois de retiradas, as figuras eram mostradas às crianças e tínhamos que nos recordar de alguma cantiga relacionada à imagem e cantar juntos (as). Nessa manhã participaram os bebês dos berçários 1 e berçário 2. Pude notar que os bebês ficaram bem entusiasmados e os maiores interagiram muito com as imagens retiradas da caixinha de música, como: peixe, jacaré, papagaio, aranha, sapo, tomate, etc., cantando junto. (Diário de Campo de Claudineia Martins da Silva Leite. 05/Julho/2018).*

A música desperta interesse e curiosidade dos bebês que costumam interagir de modo bastante receptivo com as canções e brincadeiras. Pude observar esse interesse na brincadeira com a caixinha de música proposta na sala de berçário, quando os bebês de 6 meses ao colo e em almofadas escutavam atentamente aos sons que os rodeavam e os bebês de 1 e 2 anos participavam da dinâmica dando sua contribuição para a continuidade da brincadeira e ao seu modo iam cantarolando as canções e interagindo.

Conforme Mariano (2015), os estudos sobre os bebês têm comprovado que desde muito pequenos eles já se comunicam e exercitam essa capacidade, possuem os sentidos altamente aguçados, costumam interagir e demonstram suas emoções. A música, por sua característica expressiva e fazer parte da vida do ser humano, apresenta grande importância na vida das crianças desde a mais tenra idade. Brito (2003, p.35) afirma:

Os bebês e as crianças interagem permanentemente com o ambiente sonoro que os envolve e – logo – com a música, já que ouvir, cantar e dançar é atividades presentes na vida de quase todos os seres humanos, ainda que de diferentes maneiras. Podemos dizer que o processo de musicalização dos bebês e crianças começa espontaneamente, de forma intuitivo, por meio do contato com toda variedade de sons do cotidiano, incluindo aí a presença da música. Nesse sentido, as cantigas de ninar, as canções de roda, as parlendas e todo tipo de jogo musical têm grande importância, pois é por meio das interações que se estabelecem que os bebês, desenvolvem um repertório que lhes permitirá comunicar-se pelos sons; os momentos de troca de comunicação sonora musicais favorecem o desenvolvimento afetivo e cognitivo, bem como a criação de vínculos fortes tanto com os adultos quanto com a música.

Quem convive com bebês pode ter notado o quanto eles costumam se interessar pelo canto, conforme menciona Almeida (2014). Os bebês costumam prestar muita atenção e, muitas vezes, começam dialogar com quem está cantarolando através de balbucios, demonstrando-se muito entusiasmados e alegres. Segundo Parizzi e Rodrigues (2020, p.14) “O bebê é um ser extremamente capaz, dotado de um corpo que se expressa e se comunica,

desde o nascimento (ou mesmo antes de nascer!), com olhares, gestos, vocalizações, choro, sorrisos e outros recursos sutis.”

O interesse e a competência dos bebês em relação à música apontam para a importância de professores(as) de creche serem capacitados(as) para realizar trabalhos pedagógicos musicais com os bebês desde os berçários. Ilari (2013, p.35) afirma que “ao nascer os bebês já possuem diversas competências, inclusive musicais. [...] e com apenas três dias de idade, eles já demonstram o reconhecimento da voz materna, que, aliás, é o seu som preferido durante todo o primeiro ano da infância.” Além de serem protagonistas dessas práticas, os bebês precisam ter amplo direito à participação no universo sonoro como elemento da cultura .

### **Quem nunca brincou de roda? Abre roda Tindolelê**

*Junho de 2019. As datas comemorativas sempre trazem a música na creche no sentido festivo e no sentido de espetáculo. Propus o debate sobre o massacre das crianças em ensaios coreográficos que deslocam a música do seu sentido e significado e colocam as crianças em sofrimento. Sugeri que como teria apresentação, já que é parte do mês junino, que pelo menos as apresentações fossem mais respeitosas com as crianças e partissem de algo brincante, característico da infância, que perpassassem as culturas. Veio-me à memória o exemplo de uma educadora da creche com a qual trabalhei em 2018, que propôs essa interação com seus bebês. Partindo dessa perspectiva, como eu sempre costumo observar as crianças brincando de roda em momentos de interação entre os próprios grupos infantis, resolvi apresentar a ideia de algo que partisse da própria brincadeira delas. Algo que fosse capaz de promover a integração, que pudesse se fazer no coletivo. Como a festa vai ocorrer na rua e contar com a participação da comunidade, poderíamos abrir o convite à participação, pois em tempos de infância quem nunca brincou de roda? Enfim, dei a sugestão. Foi bem aceita pela professora do Maternal 1, a turma que eu auxilio, e pela do Maternal 2. No dia da festa, as duas turmas brincaram de roda em coletivo com educadores (as), monitoras e comunidade ao som da canção: Abre a roda Tindolelê de Lydia Hortélio na festa de rua da creche. Foi um momento de resgate de uma brincadeira e um fazer de toda a coletividade que se fazia entre crianças e adultos, pais, filhos (as), equipe escolar. (Diário de Campo de Claudineia Martins da Silva Leite. 29/Junho/2019).*



Brito (2003) afirma que os (as) professores (as) devem buscar dentro de si marcas de sua infância, lembranças que tentem trazer jogos, canções e brinquedos presentes em seus tempos de criança. É indicado também que se realizem pesquisas em sua comunidade com pessoas mais velhas a fim de se inteirar de quais são as suas tradições do brincar infantil. Deste modo, se possibilita o resgate das tradições com as crianças proporcionando a oportunidade de vivenciar sua própria cultura e ampliar seus conhecimentos sobre ela.

As brincadeiras de roda são apontadas como muito importantes para a infância, pois favorecem a cooperação para com o outro e para que a brincadeira possa ocorrer é necessária de toda uma coletividade do grupo.

As brincadeiras de roda são ocasiões em que o espaço do brincar é aproveitado para construção das relações essenciais á vida da criança no seu grupo. Algumas brincadeiras envolvem aprendizagem de conceitos sociais e por isso necessitam da experiência coletiva com outras pessoas. As brincadeiras de roda favorecem um ambiente cooperativo, pois é necessário colaboração de todos desde a formação da roda até a troca de papéis. As crianças brincando podem experimentar diversos papéis constroem conhecimento e valorizam o passado. (SILVA, 2006, p.14).

A educadora musical Berenice de Almeida (2013, p.169) afirma que a brincadeira de roda é rica em manifestações expressivas, como a dança, o canto e o jogo, como um aspecto da linguagem teatral. Essa riqueza nos convida a desenvolver atividades voltadas a integração das linguagens.

As cirandas de roda são significativas para estabelecer compreensão de pertencimento a um grupo e coletividade, pois tendem a desenvolver as mais variadas habilidades, como: atenção, cooperação com os demais integrantes, espírito de grupo através do movimento corporal que é realizado em conjunto e a prática do canto de forma harmoniosa. Cantar em grupo oportuniza a criança compreender-se, ouvir a si e os demais, e ainda se perceber como parte integrante de um grupo. (SIUFI, 2018).

Henriques (2018) pensa constantemente, em atividades culturais e educacionais que sejam capazes de integrar também os familiares das crianças, e no que se refere à Educação Musical, de modo frequente são proporcionadas às famílias propostas de atividades para que estas possam vivenciar e experienciar os projetos que são propostos às turmas. Deste modo, se envolve todo o núcleo familiar para o fazer musical, pois há uma compreensão melhor do que é proposto às crianças por meio de vivências que são muito significativas.

Concordando com a autora em relação à música no trabalho pedagógico denoto a importância de uma integração das famílias no fazer musical, para que conheçam o trabalho da instituição, possam vivenciar as brincadeiras, os repertórios, e reconhecer a importância da

música como área do conhecimento e para a formação humana, como também procuramos realizar no momento do fazer coletivo com a ciranda de roda, mas sabendo que são necessárias mais ações que busquem essa integração no cotidiano da creche.

### **Sala de exploração de instrumentos musicais.**

*Fevereiro de 2020. Eu e o professor do Berçário 2, com o apoio da gestão da creche, decidimos organizar uma sala de exploração de instrumentos musicais e apreciação musical de frevo, marchinhas, samba, para que todos os grupos de crianças da creche pudessem participar. Na semana de Carnaval sugeri que o professor desenhasse na lousa alguns instrumentos musicais característicos do samba. Foram selecionados os instrumentos do conjunto de percussão da creche e levei mais alguns instrumentos meus convencionais, como: cavaquinho, pandeiro meia lua, chocalhos, guizos, e mais alguns instrumentos feitos a partir de materiais recicláveis. O repertório musical foi composto por Frevo, Marchinhas de carnaval, Martinho da vila, Beth Carvalho, Originais do samba, Leci Brandão, Alcione, Ivone Lara, Olodum, Gonzaguinha. Também mostramos para as crianças imagens dos (das) intérpretes das músicas usando data show. (Diário de Campo de Claudineia Martins da Silva Leite. 05/Fevereiro/2020).*

A exploração de objetos diversos e instrumentos musicais é muito importante no trabalho pedagógico musical com as crianças das mais diversas faixas etárias, pois a partir deles podemos aguçar as pesquisas sonoras infantis e oportunizar a elas um mundo de descobertas em relação à música. Neste sentido observei que a sala de instrumentos musicais organizada na creche para livre exploração dos bebês e das crianças pode ter colaborado de forma significativa para ampliação das suas relações sonoro musicais e possibilitou muitas descobertas.

Cunha (2017) acredita que no trabalho educativo em relação à música que pode ser realizado com bebês e crianças pequenas a manipulação de objetos pode despertar atenção das crianças. Da mesma forma, Jeandot (1990, p.19) afirma que ao entrar em contato com os objetos, “ela rapidamente começa a interagir com o mundo sonoro, que é o embrião da música, e nessa medida, qualquer objeto que produz ruído torna-se para ela um instrumento musical capaz de prender sua atenção por muito tempo.”

Conforme Henriques (2018), se nos atentarmos para as criações musicais das crianças pequenas, poderemos notar que suas explorações geralmente são livres, de modo aleatório, e

sem a preocupação com regras e estéticas, mas o que as envolvem verdadeiramente é o encanto, as possibilidades e as combinações sonoras que vão descobrindo. Keback (2018, p.27) fala sobre isso da seguinte forma:

Na prática, isso significa que , enquanto bebês pegam um chocalho nas mãos e os levam á boca, os maiores já são capazes de sacudi-los, extraindo sons aleatórios, e alguns, inclusive já imprimem um ritmo com pulsação precisa sobre o mesmo instrumento. Isso depende do nível cognitivo em que cada criança se encontra no momento de agir sobre o suposto objeto musical, ou seja, o chocalho. Todas as suas ações, por mais elementares que sejam, são fontes importantes de construção de conhecimento progressivo sobre a música. É por meio de ações elementares que a criança vai extraindo conhecimentos para realizar ações progressivamente mais elaboradas. Sem as primeiras explorações, não é possível ela chegar ao quadro de expressões e construções posteriores.

Ainda em relação a explorações das crianças, Keback (2018) sugere que fiquemos atentos a observar suas sucessivas tentativas de produzirem sons e aconselha que como estímulo o professor explore junto com as crianças para que elas aos poucos percebam que os objetos apresentam sonoridades. As crianças maiores logo podem ir aprimorando com o passar do tempo suas explorações.

A ampliação de repertórios por meio de novas escutas é de suma relevância para um trabalho musical, e isso desde a primeira infância, pois no que concerne a diversidade de estilos, estes podem contribuir para que aos poucos passem a desenvolver a capacidade de escuta a tornando mais aguçada, a própria criticidade e estimular as criações.

Ao fazer música brincando com crianças, considera-se a importância da ampliação do repertório cultural e musical, e, portanto, seu conhecimento de mundo, como um dos fundamentos da construção da Educação Musical da criança pequena. Acredita-se que a familiaridade com diferentes estilos musicais dará à criança mais capacidade de apreciar, fruir, interpretar, criticar e criar música. Por isso, trabalha-se com uma variedade de estilos musicais, como música popular, erudita, folclórica, de outros povos e países. Destaque-se que as crianças pequenas trazem uma escuta aberta à diversidade de possibilidades sonoras e, em geral, recebem qualquer tipo de música ou sonoridade sem preconceitos. (HENRIQUES, 2018, p.142).

Cunha (2017) afirma que a escuta é muito importante para a educação musical e principalmente no que diz respeito à infância, a escuta dos sons que nos rodeiam é essencial. Somando tudo isso a cantar, tocar instrumentos, manipular objetos diversos e instrumentos musicais dos convencionais aos alternativos, explorar a própria voz, os sons do corpo que é rico em sonoridades. Das batidas de palmas, dos pés, diferentes sons com a boca, o nosso corpo se caracteriza como um excelente instrumento a favor da música.

Portanto, propostas como: cantar, brincadeiras musicais e que remetem aos tempos de infância e a cultura, cirandas, exploração de objetos, instrumentos convencionais e alternativos, ampliação de repertórios musicais através da escuta de diferentes estilos, entre outras, fazem parte do processo do trabalho pedagógico com a música, por isso, necessitam ser incluídas no planejamento dos (as) educadores (as) a fim de trabalhar a música como fim em si mesma e com toda a grandeza que só a música pela música pode propiciar no sentido de uma educação humanizadora.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que a musicalização de bebês e crianças na creche seja o lugar que escolhi, dentre tantos enfoques possíveis no campo da Pedagogia, como meu lugar de fala. Acredito que a música como arte e elemento da cultura deva reconhecer as produções de artistas e também permitir o fazer pelas crianças, ou seja, os sons que por elas são criados e recriados, a expressividade dos corpos que querem soar. Acredito também que professores (as) necessitam exercitar suas escutas, das crianças e enriquecer seu repertório cultural.

A criança faz música brincando e o trabalho pedagógico com a música na primeira infância precisa passar pelo sentido de uma educação humanizadora, compreendendo o fazer musical como processo e não como produtos finais para fins comemorativos ou de treinamento.

A educadora musical Mariana Galon da Silva (2015) acredita em uma educação musical que primeiramente não se feche em si mesma, mas de modo oposto, parte da crença de que as crianças e todos os envolvidos no processo estão sempre se desconstruindo do mesmo modo que se reconstróem no mundo. Neste sentido afirma que se pensarmos em uma educação musical que se encerra em regras de como fazer, estaremos indo na contramão de uma educação que humaniza, pois nossas ações estarão nos conduzindo a pensar o educando como um vir a ser, indo contra as suas necessidades, anseios e sua realidade, que só são considerados quando o(a) educador(a) se abre para escutar.

Jeandot (1990) considera importante que as crianças possam ser estimuladas a realizar suas próprias pesquisas em relação ao mundo sonoro e que cabe aos educadores proporcionarem a elas momentos de exploração por meio dos mais diversos materiais, músicas que contemplem a ampla diversidade cultural existente. Isto se faz por meio de um bom planejamento pedagógico que considere a criança como um ser criativo e criador, que transforma os espaços onde está inserida e os modos de pensar do adulto. A consideremos então, como alguém que escolhe e, através de participação efetiva, vai se tornando autônoma.

Assim como Jeandot, defendo que temos o dever de permitir que as crianças explorem, criem, escutem, vocalizem, cantem, brinquem, se movimentem, pois isso, passa pelo respeito ao modo de ser do bebê, reconhece o que lhe é de direito como sujeito da cultura e pessoa que cria e recria por meio da arte.

Enfim, continuo a ESPERANÇAR como Paulo Freire e acreditar que os (as) pedagogos (as) são capazes de realizar bons trabalhos com as diversas linguagens artísticas, incluindo a música na primeira infância, a partir do momento que reflexivos de suas práticas

iniciem trabalhos dotados de sentido e significado para os que dela participam, com respeito à potência criadora dos sujeitos que produzem suas próprias culturas não os impedindo de se revelarem como protagonistas.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Berenice de. **Música para as crianças: possibilidades para a Educação infantil e o Ensino Fundamental**. ed. Melhoramentos, 2014.

BRITO. Teca Alencar de. **Música na educação infantil**. Propostas para formação integral da criança. São Paulo.ed. Peirópolis. 2003.p.17 -148.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. **Educação Musical e professores dos anos iniciais de escolarização: formação inicial e práticas educativas**. In: Hentschke, L. e Del Ben, L. Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003, p.127-140.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro; PACHECO, Eduardo Guedes. **Música (s) e educação básica: pensando processos formativos e ações profissionais na unicodência**. Inter-Ação, Goiânia, v. 39, n. 1, p. 39-54, jan./abr. 2014.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro; WEBER, Vanessa; SOUZA, Zelmielen Adornes de. **Música e unicodência: pensando a formação e as práticas de professores de referência**. Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade, vol. 26, n. 48, p. 205-221, 2017.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Escola Infantil: Pra que te Quero?**. In: CRAIDY, Carmem, KAERCHER, Gládis E. (org) . Educação infantil. Pra que te quero?. Porto Alegre: Artemed, 2001, p.13-22.

CUNHA, Sandra Mara da. **Eu canto pra você: saberes musicais de professores da pequena infância**. Curitiba. Editora .CRV, 2017, p.73-81 .

DAREZZO, Margareth. **Impacto de um programa de ensino para cuidadoras em creche: música como condição facilitadora de condutas humanas ao lidar com bebês**. 2004. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004. Disponível em:<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/3016/DissMD.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09. Jun.2020.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Loris Malaguzzi e os direitos das crianças pequenas**. In: Oliveira-Formosinho, Julia, Kishimoto, Tizuko Morchida, Pinazza, Mônica Appezzato (orgs.) Pedagogia (s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 277-291.

GANGA, Gilberto Miller Devós. **Metodologia científica e trabalho de conclusão de curso (TCC): um guia prático de conteúdo e forma**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2011.

ILARI, Beatriz. **Música na infância e na adolescência: um livro para pais, professores e aficionados**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

HENRIQUES, Wasti Silvério Ciszewski. **Crianças e músicas como potência de transformação: brincadeira, integração e criação na educação infantil Dom Colégio Pedro II**.285.f. 2018. Tese de doutorado . Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”,

Instituto de Artes. São Paulo. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153985/henriques\\_wsc\\_dr\\_ia.pdf?sequence=4&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153985/henriques_wsc_dr_ia.pdf?sequence=4&isAllowed=y). Acesso em : 14.dez. 2020.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o universo da música**. Editora. Scipione, São Paulo, 1990, p.12-60.

KEBACK. Patrícia Fernanda Carmen (Org), SANT 'ANNA, Denise Blanco, PECKER, Paula Cavagni, DUARTE, Rosângela. **Expressão Musical na Educação infantil**. 2.ed. – Porto Alegre: Mediação, 2018, p.9-75.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida, PINAZZA, Mônica Appezzato. **Froebel: uma pedagogia do brincar para infância**. In: Oliveira-Formosinho, Julia; Kishimoto, TizukoMorchida, Pinazza, Mônica Appezzato (orgs.). *Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro*. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 37-64.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. **Práticas Musicais na Escola Infantil**. In: CRAIDY, Carmem, KAERCHER, Gládis E. (org). *Educação infantil. Pra que te quero?*. Porto Alegre: Artemed, 2001, p.123-134.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da Pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MARIANO, Fabiana Leite Rabello. **Música no berçário: formação de professores e a teoria da aprendizagem musical de Edwin Gordon**.2015. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi: 10.11606/T.48.2015.tde-14122015-153241. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-14122015-153241/pt-br.php>. Acesso em: 05. Jun.2020.

MARTINS FILHO, Altino José. **Jeitos de ser criança: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na ANPED**. In: Martins Filho, Altino José e Prado, Patricia Dias (Orgs). *Das pesquisas com crianças á complexidade da infância*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011, p.88-106.

MEDINA, Alice. **As escritas corporais da caixinha de música: Educação Infantil**. *Educ. rev.*, Curitiba, n. 64, p. 267-281, Jun. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602017000200267&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602017000200267&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 12. Jun.2020. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.48668>.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia. **Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação**. In: Oliveira-Formosinho, Julia; Kishimoto, Tizuko Morchida; Pinazza, Mônica Appezzato (orgs.) *Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro*. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 13-36.

PARIZZI, Betânia, RODRIGUES, Helena. **O Bebê e a Música**. São Paulo: Instituto Langage, 2020.



PRUDÊNCIO, Cintia Rodrigues. **O universo musical na Educação infantil**. f.29. Trabalho de Conclusão de curso. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=41088&opt=4>. Acesso em: 04. Jun.2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev.e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Mariana Galon da. **Criação musical coletiva com crianças: possíveis contribuições para processos de educação humanizadora**. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2749/6565.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09. Jun.2020.

SILVA, Sandra Maria Bezerra da. **Música na creche: as possíveis interações das crianças de 0 a 18 meses com os fenômenos sonoros**.f.57. 2006. Trabalho de Conclusão de curso. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, SP, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000371012&opt=4>. Acesso em: 04. Jun.2020.

SIUFI, Cláudia Jaqueline de Souza. **A ludicidade e a inquiribilidade no processo da educação musical na primeira infância**. 2018. Dissertação (Mestrado em Processos de Criação Musical) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi: 10.11606/D.27.2018.tde-05122018-115448. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27158/tde-05122018-115448/pt-br.php>. Acesso em: 05. Jun.2020.

SOARES, Janaina Mascarenhas. **Musicalização na educação infantil: memórias e reflexões sobre uma prática**. f.59. Trabalho de Conclusão de curso. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000410382&opt=4>. Acesso em: 04. Jun.2020.

TORMIN, Malba Cunha. **Dubabi Du: uma proposta de formação e intervenção musical na creche**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi: 10.11606/T.48.2014.tde-25092014-152305. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-25092014-152305/pt-br.php>>. Acesso: 05. Jun.2020.

TRAVERZIM, Monique; HENRIQUES, Wasti Silvério Ciszewski. **Possibilidades e desafios do ensino musical nos cursos brasileiros de Pedagogia**. Revista TRAMA Interdisciplinar, v. 6, p. 93-115, 2015. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint>. Acesso em: 31. dez. 2020.

ZANCHETTA, Danielle Moreira. **Musicalização para bebês**. Trabalho de conclusão de curso. fls.27. Universidade Estadual de Campinas, SP, 2004. Disponível em:<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000329253&opt=4>. Acesso em: 04. Jun. 2020.

WERLE, Kelly. **As músicas das culturas da infância: discutindo sobre o protagonismo infantil na escola**. In: Bellochio, Claudia Ribeiro (org). Educação Musical e Unidocência: pesquisas e narrativas e modos de ser professor de referência. Porto Alegre: Sulina, 2017, p.239-256.